

## O próximo Congresso

O primeiro Congresso Confederal, IV Congresso Nacional Operário, realiza-se, como temos anunciado no próximo mês, nos dias 23, 24, 25 e 26, na cidade de Santarém. Devido às circunstâncias que o rodeiam e ao ambiente em que decorrerá este Congresso vai ter para a vida associativa do operariado uma importância enorme.

As teses que a Batalha vem publicando merecem um estudo sério e calmo para que decorra calma e reflectida a sua discussão. Das conclusões e da maneira ponderada ou não por que se discute depende o desenvolvimento moral e material da classe operária.

O êxito da magna reunião sindicalista que vai realizar-se em Santarém não depende apenas da boa conduta dos delegados, mas também da consciência das respectivas classes que devem esforçar-se por dar-lhe uma boa colaboração.

É a melhor colaboração que as classes operárias podem dar ao seu Congresso está na maneira criteriosa de escolherem os seus delegados e de incumbir-lhes de bem exprimir nessa reunião o sentir das classes a que pertencem.

É confederal o congresso operário deste ano, isto é, só a ele podem aderir as classes que estão perfeitamente integradas na Confederação Geral do Trabalho. Assim, não se dará o caso estranho e condenável, que anteriormente se tem dado, de classes aprovarem certas resoluções de responsabilidade que depois não cumprem, alegando não serem aderentes à C. G. T.

Entre outros trabalhos vão ser presentes a apreciação do Congresso as teses: "O horário de trabalho, A estrutura orgânica das Câmaras Sindicais de Trabalho, Condições de trabalho das mulheres e menores, A higiene industrial, A emigração e a mão de obra no estrangeiro, Condições de trabalho e de salários nas colónias, A educação".

São assuntos de capital importância para o operariado e de flagrante oportunidade. Perante cada uma destas questões convém marcar uma atitude ponderada.

A publicação antecipada das teses obedece ao intuito de dar a conhecer antecipadamente aos delegados e à organização operária o assunto que versam.

Temos esperança no bom êxito do próximo Congresso.

## O CASO DE SUPUSTA LOUCA

### Procura-se estabelecer o mistério em volta duma infâmia!

LISBOA, 19.—Infelizmente ainda continua envolto em mistério os motivos porque Maria Teresa Reis foi enviada para o Manicómio Bombardeira, pretextando um estado de loucura que não existe.

A Batalha esgotou-se por completo, ouvindo-se por toda a parte elogios ao nosso jornal por ter sido o primeiro a relatar a infâmia cometida. Por toda a parte a atitude da Batalha é favoravelmente comentada, chegando os próprios "cívicos" que guardaram a casa de Maria Teresa Reis a declarar que ainda era pouco o que se tem dito... Toda a população aguarda com ansiedade que a suposta louca regresse de Lisboa.

Há, ao que parece, um certo receio das pessoas que sabem alguma coisa, em fazerem declarações.

Apenas conseguimos saber que um indivíduo bastante conhecido desta cidade requeria a suposta louca, tendo-a ela sempre repellido e referido a seu marido a perseguição de que era alvo.

É tudo quanto conseguimos apurar, até agora, além do que já referimos.

Desgraçadamente bem pouco é. O caso continua a causar bastante indignação, sendo motivo de grande extraneza o silêncio a que se remete o marido da suposta louca que chega a tratar grosseiramente quem procura conhecer os motivos porque foi enviada a loucura de Maria Teresa Reis.

Estamos diante duma infâmia e aguardamos que o Manicómio Bombardeira que tem sido a desgraça de tanta gente, que tem servido para toda a espécie de vinganças, se pronuncie. Mas, enquanto esse facto se não dá, não deixaremos de nos esforçar para que se faça completa luz sobre este caso. E conhecemos está a população a quem esta infâmia toca duma pobre mulher impressionou desagradavelmente e indignou.

## A exploração condenável duma "senhora" Companhia em Samora Correia e arredores

A Companhia das Lezírias tem guardas por essa charranca a quem paga 4500 por dia; e, como compensação, facultam-lhes o amanho de um pedaço de terra de que não cobra renda. Pois com este escasso salário há quem tenha dinheiro e quem pretenda até fazer figura de novo-rico.

Mas esta escassa remuneração conduz os empregados muitas vezes a situações muito pouco honestas, como aquela em que se encontrou um dia um empregado superior que aqui era conhecido pelo Herói do Queijo.

A Companhia, incapaz de dar um centavo para um acto de benevolência ou filantropia, pôs à disposição do pároco da freguesia, o progenitor da Samorensis e um digno colega do padre Ramalho, de Vila Franca, uma mancha de contos de réis para serem gastos na reparação da igreja de Samora, bastante abalada pelo terramoto de 1909; e o do queijo é que fazia de tesoureiro dessa importância.

Como o seu ordenado fosse pequeno, as facturas emendavam-se, para mais, todas as semanas, muitas dezenas de escudos.

E tentou-se, sequer, averiguar de qual dos bastos sorvedouros da dinheirinha que a Companhia oferecera para o culto católico?

De forma nenhuma! Onde iria isso parar? Demonstrado fica, por este facto e por muitos que poderíamos citar, que a companhia, além de muitos crimes que pesam sobre a sua existência, nefasta sob todos os pontos de vista, tem mais um de que se pode dizer: é uma autêntica escola de crime e de desonestidade; e, se entre os seus empregados muitos há que são irrepreensíveis, isso deve-se apenas à sua luz de carácter, incapaz de uma vilania.

Mas, como se fora pouco o ter-se a Companhia apropriado de todos os vastíssimos terrenos desta freguesia, terrenos que vão de Alcochete a Santo Estevam e Benavente, e que representam, mal ou bem aproveitados, a relativa felicidade de todos os samorenses que se estabeleceram multiplicadamente, em vez de estabelecerem uma pavorosa corrente emigratória, há um crime mais grave ainda que é o de se estarem arborizando terrenos de facilidade cultura, em vez de os dividir e arrendar a tanta gente que não tem um palmo de terra onde semeie um alqueire de batatas.

Faz-se isto—dizem—com o propósito de saqueamento. Não é porque se alguém demonstrar aos corifeus da companhia que a plantação de eucaliptos concorre um pouco para as condições higiénicas da terra, eles suspendam imediatamente esse plantio e são capazes de mandar vir da Argentina ou do México a semente da célebre mancinella, cuja sombra produz a morte, segundo a crença popular.

O plantio de eucaliptos tem dois fins: 1.º o de encher os terrenos vastíssimos da Charneca, que sejam brejos ou sequeiros, com uma árvore que se cria na quinta parte do tempo do pinheiro, aumentando, por isso, a riqueza da companhia e prejudicando imensamente a parte mais pobre da população que já não tem onde ir buscar uns garabatos, pinhas ou carumas, como dantes fazia, visto que o eucalipto é mais avaro do que o pinheiro; 2.º porque, com o corte de pinhais, ficariam a descoberto largas planícies que poderiam ser cultivadas por esta pobre gente que assim se iria forrando do jugo da companhia, o que a esta de forma alguma pode convir.

A companhia que, em todas as situações, se quer fazer passar por protectora deste bom povo de Samora, mente descaradamente quando tal afirma, tanto mais que estas afirmações são sempre contraditadas por factos demonstrativos do desejo que a companhia tem de que nunca qualquer habitante deste pacífico burgo se torne proprietário, porque isso é retirar-lhe das mãos de algum mais uma das suas vítimas.

E o que está sobejamente demonstrado. E o que sucede com este colosso, sucede com todos os colossos, com todos os grandes proprietários—assambrar a terra toda, para que os seus antigos donos se tornem servos dóceis, e o sonho dourado dos grandes detentores de terrenos.

A Companhia, que ultimamente tem vendido enormes glebas, não é capaz de vender, seja a quem for, uma correla pequena, por muito elevado que seja o preço oferecido; seria o mesmo que qualquer monarca alienar uma das pedras preciosas que lhe enriquecem o diadema.

Também a Companhia não afiora terrenos. Deixa-os estar incultos, produzindo matos maninhos, que os pobres fazendeiros lhe hão-de ir comprar, mas não afiora. O fóro é uma alienação de domínio útil e a Companhia não aliena; mas, se os fazendeiros lhe quiserem vender os seus cerrados e lapadas, a Companhia compra todos estes terrenos, quanto mais não seja para vir brotar pinheiros onde antes se criava o soberbo trigo, ou para vir encher de silvas a terra que lá pouco nos deliciava com as sabrosas melancias, como só por aqui existem.

Mas o povo de Samora, e creio que na sua grande maioria, por não ter quem lhes explique estas coisas, ou por nunca ter pensado nelas, ainda supõe que a vida nesta terra seria impossível, se a Companhia deixasse de existir. Exactamente como pensam os homens afeitos à tradição que supõem impossível viver e ter saúde se amanhã se acabar com o exército ou fecharem as administrações de concelho.

O critério é precisamente o mesmo. Uns e outros estão, porém, muito longe da verdade, como tentarei demonstrar, ainda que isso seja abusar um pouco da hospitalidade de A Batalha.

Serra FRAZÃO

## O trabalho das mulheres e das crianças

Como em vários países é dispensada a assistência à maternidade

No Chile, por proposta do ministro de Higiene e Previsão Social, aprovou-se uma nova lei de protecção operária cujas principais disposições são as seguintes:

As operárias em período de gravidez têm direito a sessenta dias de descanso; só podem ser despedidas por causas justificadas.

Qualquer estabelecimento que ocupe mais de 20 operárias deve ter uma sala destinada aos filhos de tenra idade, das mesmas mães.

As operárias têm direito a uma hora por dia para se ocuparem dos seus filhos.

Cada operária deve receber um exemplar desta lei.

Toda a infracção a estas disposições acarretará uma multa de 100 a 500 pesos.

O pessoal da Direcção do Trabalho tem o direito de visitar, em qualquer momento, as fábricas, para comprovar o cumprimento desta lei.

Na Dinamarca um dos 10 projectos de lei submetidos recentemente à Câmara dos Deputados a fim de dar execução a vários convenios da Conferência Internacional do Trabalho, diz respeito ao emprego das mulheres antes e depois do parto.

Extrairmos desse projecto de lei o que mais pode interessar directamente as operárias do nosso país:

1.º — É proibido empregar mulheres grávidas, nos escritórios, na indústria, no comércio ou transportes, seis semanas antes do parto.

2.º — Qualquer mulher empregada numa empresa, incursa no artigo 1.º, que apresente um certificado médico declarando que provavelmente o parto se efectuará no prazo de seis semanas, pode abandonar o seu trabalho, seja qual for o contrato estabelecido.

3.º — Qualquer mulher empregada numa das empresas citadas no artigo 1.º pode interromper o seu trabalho duas vezes no dia, durante meia hora, para aleitar o seu filho. As Empresas onde trabalharem pelo menos 25 mulheres, deverão ter um local especial destinado a esse efeito.

4.º Se, de conformidade com os artigos 1.º e 2.º ou se por doença, que um certificado médico declare proceder do parto e que a impossibilidade de trabalhar, uma mulher abandona o seu trabalho, durante um período maior que o previsto pelas presentes disposições, o patrão não a poderá despedir por esta ausência, a não ser que dure mais de 15 semanas. Será nulo todo o despedimento que se comunique à interessada durante a sua ausência antes de terminar o prazo fixado.

5.º Qualquer mulher empregada numa empresa das citadas no artigo 1.º e que abandone o seu trabalho conforme as disposições dos artigos 1.º e 2.º, tem direito, durante a sua ausência, a um subsídio do Tesouro de quatro coroas por dia antes do parto e de seis coroas por dia depois deste.

Se a interessada não tornar a trabalhar numa empresa das citadas no artigo 1.º, só se concederá o subsídio depois do parto, nas condições determinadas no artigo 7.º

6.º Quando uma mãe que peça o subsídio ao Tesouro, de acordo com o artigo 5.º, tenha direito à soma que o pai é obrigado a pagar-lhe, em virtude do artigo 2.º da lei de 27 de Maio de 1908, (1) para seu sustento um mês antes e um mês depois do parto, deduzir-se há esta soma do subsídio que concede a presente lei.

Se a mãe não se interessou em obrigar o pai ao pagamento da soma aludida no parágrafo anterior, não poderá receber a indemnização exposta no artigo 5.º.

A indemnização a que se refere o artigo 5.º será paga pelo Município da residência como socorro da assistência pública, sem que tenha os efeitos que correspondem a esta classe de socorros.

3.º Quando um patrão que empregue uma mulher, faltar às disposições da lei, sofrerá uma multa de 10 a 200 coroas. A mesma multa será aplicada à mulher que infringir as disposições do artigo 1.º

9.º A presente lei revoga o artigo 29 da lei de 29 de Abril de 1913 sobre as fábricas. Se as seguradas disfrutarem de um socorro em virtude da presente lei, as Caixas de doença ficarão isentas da obrigação de lhes pagar, em caso de parto e conforme o artigo 23 da lei sobre o seguro de doença, um subsídio mínimo de uma coroa por dia enquanto permanecerem na cama até 10 dias depois do parto.

(1) A lei de 27 de Maio de 1908 sobre os filhos ilegítimos dispõe (art. 2.º) que o pai pode ser obrigado a pagar os gastos produzidos pelo parto da mãe e o seu sustento durante um mês antes e um mês depois do parto, embora o filho não tenha vivido. Se o pai morrer antes do nascimento do filho, esta despesa recai sobre a herança e pertence aos herdeiros.

## As dividas de guerra

WASHINGTON, 20.—Conhecem-se promenoradamente os termos do acordo belgo-americano sobre as dividas de guerra. Os 171 milhões emprestados até ao armistício foram pagos em 62 anuidades, sem juro, e os 262 milhões de dólares de após o armistício em igual número de anuidades ao juro de 3 e meio por cento.

O embaixador francês comunicou que a respectiva delegação que vem negociar a consolidação da dívida de guerra da França, parte para os Estados Unidos em 15 de Setembro.

## Notas & Comentários

### A Igreja e o capitalismo

Pessoa amiga escreve-nos da Ericeira contando-nos um caso realmente curioso. Em toda a parte o toque das Ave-Marias coincide com o pôr do sol. Pois, na Ericeira, esse preceito religioso foi alterado. Que razões teriam levado o sineiro a atrair, sem temor dum castigo divino, uma lei sagrada e secular? A explicação é fácil embora não o pareça. É que o sr. Quintino Franco, proprietário naquela terra, trazendo pessoal a trabalhar ao seu serviço, tem conveniência em que o toque das Ave-Marias se ouça depois da noite cerrada.

Digam lá que a Igreja não está ao serviço dos exploradores...

### «Meter isto na ordem»

Esteve para haver durante a madrugada de ontem mais uma tentativa de revolução. O acto de rebelião provinha, segundo informavam alguns jornais, dum grupo de oficiais do exército e tinha por objectivo a realização deste programa esplêndido que qualquer cabo de esquadra seria capaz de engendrar: «meter isto na ordem».

Ora, poderá o referido programa ser realmente muito cativante, e a maneira sintética como o apresentam impressionar algumas criaturas ingenuas, mas parecem-nos que o facto simples de alguns oficiais graduados insubordinarem a tropa nos quartéis e levarem a boa intenção de «meter isto na ordem» não é sistema, nem sequer pensamento social que baste para remodelar o regime.

Então espalham-se os filósofos e os sociólogos a pensar e a estudar durante anos, séculos, para afinal a resolução do problema social estar apenas na ponta afiada de algumas espadas de desordeiros...

### Um atentado contra Afonso XIII

Correu com insistência o boato de que em Espanha se atentara contra a vida de Afonso XIII. Este teria sido gravemente ferido, o «chauffeur» morto e um ajudante do rei ferido com gravidade. O boato porém, não se confirmou. A agência Havas em Paris desmentiu-o e a esta hora, provavelmente, Sua Magestade está consultando tranquilamente as cotações da Bolsa que tanto lhe interessam...

## LISBOA EMBELEZA-SE...

Além dos barrões da Ribeira Nova, há as carabinas da polícia para assombro do turista.

Lisboa transforma-se... Sim transformam-se os pavimentos, e mil e um embelezamentos se arquitetam para que a antiga Lisboa atraia e delicie os turistas estrangeiros. A porta, os patrióticos periódicos apontam aos poderes públicos as melhorias de sua preferência, para que aos olhos dos forasteiros possamos passar por um povo que acompanha a par e passo a moderna civilização. Que as sete colinas da capital sejam aprazíveis e acessíveis, que se construa o «metro», se lance a avenida marginal, se rasguem novas avenidas, se abram clubes chiques, enfim, que aparentemos de pessoas civilizadas, eis o que patrioticamente se pretende.

Há dias, alguns jornais protestaram contra o facto de lá à beira-mar, na rua do Alentejo, numa demonstração de relaxo condenável, se deixar permanecer todos escangalhados uma parte do gradeamento e um candeeiro de iluminação pública que uma carroça derrubara. Apontou-se esse facto como atentatório do melhor conceito que os estrangeiros ao desembarcarem devam fazer das coisas lusas. «Clifra-se nisto as exigências dos civilizados?... Achamos pouco.

Para o turista observador não só de belezas naturais como da étnica, a entrada na capital portuguesa deve ser emocionante. Desembarca, vê logo a cada canto um polícia armado de carabina, de pistola, de casaca-te e de sabre; e, ou tem a impressão de que daqui se mente quando se chama falsa a campanha dos periódicos que de fora dizem Portugal estar sempre em revolução; ou supõem-nos tão incivilizados que cada cidadão é um cadastrado que precisa ser constantemente vigiado; ou então, se abrir um pouco mais os olhos chegará à convicção certa de que a passividade popular transformou o país numa grande roca onde alguns mandrões foram arvorados em feitores—sem chicote mas... armados até aos dentes.

Se a curiosidade do visitante lhe der para vasculhar um pouco mais a cidade, penetrando a forma democrática e civilizada como a população é tratada, então estará certo de que os seus «earnets» levarão pontualmente que o habite a ir lá, nos seus países, em parangons vibrantes, cantar às nossas maravilhas. E todo o mundo culto saberá que Portugal, que blasona de ser o mais humano dos colonizadores de África, tem uma capital onde a polícia é um poder a que se curvam os próprios governos, que em desrespeito às leis se mantêm indivíduos sem culpa formados presos há perto de três meses, que nas ruas, a desordem, se fusilam cobardemente operários indefesos, que as esquadras policiais são antros infernais onde se espancam presos até o sangue tingir as paredes, que para a África e sem julgamento prévio se afirmam dezenas de operários apenas por suspeita. Enfim, Portugal um país de turismo, Lisboa uma capital civilizadíssima...

## A greve dos empregados bancários franceses

PARIS, 20.—Os grevistas bancários pediram a imediata convocação das câmaras para votarem o projecto de lei constituindo uma tentativa obrigatória de conciliação entre patrões e empregados e repeliem a insinuação de que o movimento tenha um carácter comunista.

Em Marselha foi declarada esta manhã a greve geral por 24 horas de solidariedade para com os grevistas.

## Uma tese interessante que será apreciada no Congresso Rural

### A socialização da propriedade agrícola e a organização do trabalho

Em dois congressos foi presente e aprovada uma tese sobre este importante problema. Essa tese, elaborada num momento excepcional, princípio de 1920, quando se estava sob a pressão de acontecimentos mundiais com uma orientação estatista, autoritária e centralista, sofreu essa influência na sua redacção e na essência das aspirações proletárias.

Levada de novo ao V Congresso, Dezembro de 1922, a tese foi ainda aceite por no momento outra com princípios mais consentâneos com as aspirações dos trabalhadores conscientes, não estar elaborada.

Ora, se já em 1922 aquela tese não satisfazia; depois, já de posse de conhecimentos precisos sobre a experiência russa, menos podia ser aceite, pois se os trabalhadores rurais continuassem a aceitar o espírito daquela tese, correriam o risco de uma vez socializada a propriedade, mas mantendo-se o salariato e até a distribuição de lucros como no regime burguês, voltarem à situação anterior de escravos embora de novos senhores.

E como é necessário definir esta questão uma vez para sempre e de forma a não haver contradição entre o que prega e o que se deseja, resolveu a Comissão Administrativa apresentar ao 6.º Congresso o seguinte, que servirá de norma na propaganda e na acção para a conquista duma sociedade igualitária e livre onde todos possam contribuir para a satisfação das necessidades comuns:

I. A socialização íntegra e absoluta da propriedade agrícola, das máquinas, alfaias, gado de tracção, de cria e de engorda, celeiros, lagares, etc.

II. Toda a propriedade agrícola passará ao regime de comunidade livre e será dividida unicamente tendo em vista um maior e mais racional aproveitamento das terras, segundo as suas condições agrográficas e aptidões culturais, para as diferentes espécies agrícolas indispensáveis e mais necessárias à alimentação das populações.

III. Os sindicatos de trabalhadores rurais directamente ou por intermédio da sua Federação de Indústria, de acordo com os técnicos-agrónomos, dirigirão os trabalhos agrícolas, mediante acordo colectivo para as deslocações de pessoal e execução dos diferentes serviços da produção campestre conforme as necessidades de cada região, fazendo a distribuição dos instrumentos de trabalho, de sementes, adubos, etc. e bem assim a elaboração de estatísticas parciais, etc.

IV. Os trabalhadores rurais regeitam o salariato, nem o compreendem dentro do regime do comunismo livre com as terras socializadas. Preferem o acordo fraterno entre os organismos camponeses e os organismos industriais para a troca recíproca dos produtos utilizáveis, as ferramentas e as matérias primas, no país por intermédio da C. G. T. e no mundo pela A. I. T.

V. A Federação de Indústria continuará a ser um órgão essencialmente coordenador, orientando a sua acção segundo as circunstâncias de ordem regional e de ordem mundial, podendo-se desde já prever as seguintes funções:

a) O estudo do problema agrário português, com conclusões de ordem prática em todas as culturas campestres; b) O trabalho de estatística geral necessário a uma informação permanente das condições agrícolas da região, sua produtividade e destino da produção, etc.; c) Recolherá todas as informações do que sobre toda a produção campestre se passa nas restantes regiões do mundo para informar os sindicatos e destes receber indicações; d) Manterá relações com os organismos congêneres das restantes regiões do mundo para efeitos de solidariedade no intercâmbio de produtos, sementes, etc., atendendo assim às necessidades da produção e do consumo onde quer que as mesmas mais se façam sentir.

A Comissão Administrativa.

## QUESTÕES DE THEATRO

### Há agiotas que estão recebendo indevidamente direitos de autor

Existe no teatro português um assunto que deveria ser tratado com certa urgência e que vejo passar despercebido ou não interessar a quem devia tratá-lo. Refiro-me aos direitos de autor que certos sujeitos indevidamente cobram de algumas obras que vão à scena nas nossas casas de espectáculo.

Ninguém ignora que certos autores, entre eles D. João da Câmara e Marcelino de Mesquita, em momentos aflitivos de grandes apuros financeiros, se viram na dura necessidade de vender por dez réis de mel coado os direitos de representação de suas peças a esportilhões descarregados que depois, à sombra dos nomes consagrados de quem as subscrevia, tiravam delas somas incoercíveis, ilícitas e criminosas.

Não se pense que este qualificativo seja exagerado ou injusto. Reflita um pouco o leitor sobre o caso de que se trata e achará-me há muito benévolo para com essas sanguessugas do talento alheio. É possível, haver certos espíritos que, acima das razões de ordem sentimental (que valem em certas circunstâncias mais que outras de ordem jurídica) coloquem as objecções de outra ordem, que digam ser essa transacção um negócio lícito como qualquer outro. Dir-me háo que o agiota não foi à procura do agiota, antes o autor foi à procura do agiota. O que temos aqui que estudar são as circunstâncias em que os contratos foram firmados. E essas são verdadeiros libelos contra os exploradores da miséria dos literatos que só da pena vivem.

Senão vejamos. Houve escritores que em momentos cruciantes de penúria, levando na mão um rolo de papel almaço, iam a casa de certo livreiro e por esse manuscrito que o rolo continha, que podia ser o de «Os Velhos», de «A Dor Suprema», de «Os Campinos», de «A Triste Viúvina» ou «Peraltas e Sécias» pediam determinada quantia.

O autor naturalmente exagerava na soma solicitada, pedia uma exorbitância pelo seu trabalho, e o agiota fazia o que faz todo o bom comerciante: depreciava a mercadoria para a obter por baixo preço. Firmava-se, então, na irrisória quantia oferecida, articulando a frase de desapego edesinteresse: «Se quer, quer; do contrário ninguém cá o chamou...»

E o autor, em transe aflitivo, com a corda na garganta, não tendo possibilidade de conseguir melhor contrato, lá aceita, consternado pela miséria, a ridicularia que o tal agiota lhe oferecia em troca dos futuros direitos monetários da sua obra.

Que diz sobre a legitimidade de tal negócio, leitor, sabendo ainda que alguns dos herdeiros legítimos desses autores tão ignóbilmente roubados vivem na mais negra miséria, enquanto os agiotas exploradores do trabalho de seus ascendentes têm o cuidado de, todas as vezes que as obras de que são legítimos proprietários vão à scena, cobrar os respectivos direitos de autor que um contrato feito sob o peso da fome lhe concede? Esses contratos deveriam, pela desumanidade que revelam, ser considerados chiffons de papel, não é verdade?

Pois é necessário, é urgente mesmo que, a exemplo do que se fez com os editores—proprietários das obras de Camilo, se procure fazer com os exploradores daqueles que deixaram uma obra, boa ou má, e que circunstâncias dolorosas obrigaram a hipotecar para todo o sempre: expropriar-lhe daquilo que legitimamente, humanitariamente lhes não pertence.

## A guerra de Marrocos

Jesus PEIXOTO.

Uma missão diplomática frustrada

TANGER, 20.—Os dois agentes diplomáticos francês e espanhol que há várias semanas se encontram permanentemente em Melilla ou Tanger, para receber os eventuais emissários de Abd-el-Krim, que não apareceram, partiram para os seus postos habituais.

## Propaganda anti-militarista

PARIS, 20.—Quatro comunistas entre os quais uma mulher foram condenados a várias penas de prisão por incitarem os militares à revolta.

## A Índia e o Egipto auxiliando Abd-el-Krim

PARIS, 19.—Segundo os jornais, Abd-el-Krim recebeu grandes auxílios financeiros do Egipto e da Índia, e grandes quantidades de armas, a pesar da estreita vigilância exercida pelas forças navais franco-espanholas.

## Os rifenhos preparam-se contra o ataque franco-espanhol

TANGER, 20.—Os rifenhos estão concentrando grandes forças no sector de Uzzan e construindo trincheiras ao longo de toda a linha de batalha, prevendo um ataque combinado das forças francesas e espanholas.

## O ex-Sultão da Turquia acusado de assassinar um médico

CONSTANTINOPLA, 20.—O tribunal de Angora iniciou a instrução do processo contra o ex-Sultão Mahomet VI, acusado de ter assassinado o seu médico, Reschad Pascha, o ano passado, na sua «vila» de San Remo.

## Os atentados búlgaros

PARIS, 20.—O embaixador búlgaro declarou que os comunistas que atentaram contra a vida do presidente e vice-presidente do parlamento de Sofia, fazem parte da mesma organização terrorista que preparou os atentados contra o rei Boris e o Catedral dos Sete Santos.



## Vão encarecer ainda mais os lanifícios?

Os industriais covilhanenses pretendem um novo aumento de direitos alfandegários

Editado por «um grupo de explorados» foi distribuído um manifesto em que se ataca com veemência os maneios dum grupo de industriais de lanifícios da Covilhã que vem pedir ao ministro do Comércio, o sr. Nuno Simões, muito conhecido pelas suas afinidades com várias empresas capitalistas, um aumento de direitos nos tecidos de lá de origem estrangeira.

O manifesto comenta com desassombro a atitude dos industriais, como se depreenham dos seguintes períodos que transcrevemos:

«Há sempre um pretexto e uma ameaça. O pretexto é não poderem vender por concorrência estrangeira de tal os impedir. A ameaça é terem de despedir o pessoal. Pretextos e ameaças menos verdadeiras! Os fabricantes não vendem porque têm os armazéns cheios de fazendas e não as querem pôr fora com lucro inferior a 60 e 80 por cento!

Não vendem, não fabricam porque não querem limitar os seus lucros, esta é que é a verdade!

As fazendas estrangeiras pagam actualmente de direitos entre 50 e 80 por cento do seu valor!

Uma fazenda boa fica, posta no nosso Tejo, depois de pagos fretes, seguros, facturas consulares, etc., por cerca de 40 escudos o metro.

Pois paga de direitos, pelo menos, cerca de 20 escudos!

Fazendas um pouco mais inferiores podem ficar no Tejo por cerca de 25 escudos. Pagam de direitos outro tanto!

E os fabricantes ainda querem mais.

Querem ficar sósinhos em campo e ai de nós todos que temos do cobrir a pele com uma fatiada, e dar por ela uma fortuna! Não pode ser!!! Não deve ser!!!

Os fabricantes estão riquíssimos, têm palácios, quintas, automóveis em banda, tudo comprado com os lucros de 300 e 400 por cento, durante a guerra e nos anos seguintes!!!

Nos clubes chies de Lisboa ainda talvez haja vestígios das lutas e das abundantes regras de Champagne!

As roletas desses clubes ainda lembram a indiferença com que se perdiam 30 e 40 contos numa só noite!

E falam agora no operário!

Se não esbanjassem dinheiro com o fausto e a opulência, e o tivessem aplicado a melhorar a indústria, os produtos portugueses seriam exportados para o estrangeiro, o que seria para Portugal uma fonte de ouro, e para os portugueses um grande orgulho!

E em vez duns 2.000 ou 3.000 operários, seriam hoje vinte e trinta mil, e todos eles com o seu trabalho e o seu pão assegurado!

Agora o reverso da medalha:

«No Aliente estão pagando a trabalhador rural 6 escudos! e às mulheres 4 escudos!

Uma miséria!

Que esse desgraçado pense em se vestir!

Que essa desgraçada pense em ter um chale!

Terão de pagar o triste fruto de alguns meses de trabalho ou passam a andar de fangal!

Enquanto a libra subiu os fabricantes aumentavam constantemente os seus preços. Pretexto: a desvalorização da moeda.

A libra esteve a perto de 160 escudos. Hoje está a pouco mais de 90 escudos.

E o Povo continua a pagar os géneros de primeira necessidade pelos mesmos preços!

Quem ganha esta enorme diferença?

## O custo da vida nas Colónias

Jonsta que vão ser criadas nas colónias, auxiliadas pelos governos das respectivas câmaras ou cooperativas, a fim de se promover o barateamento da vida, visto nas colónias a carência dos géneros de primeira necessidade aumentarem de dia para dia consideravelmente.

O governo de Cabo Verde já pôz em prática medidas tendentes a baixar o custo da vida, contratando com alguns comerciantes o fornecimento a retalho desses géneros aos funcionários, empregados e assalariados do Estado e Corporações Administrativas da Colónia, com fixação de preços por trimestres, emprestando o governo determinado quantia aos comerciantes para o fornecimento dos referidos géneros e responsabilizando-se também o governo pelo pagamento dos géneros fornecidos aos funcionários por meio de desconto nos respectivos vencimentos.

Recebidos os primeiros socorros na Cruz Vermelha, deu o ferido entrada no hospital de São José, em cujo banco foi observado pelo cirurgião de serviço, recolhendo depois à sala de observações.

Recebidos os primeiros socorros na Cruz Vermelha, deu o ferido entrada no hospital de São José, em cujo banco foi observado pelo cirurgião de serviço, recolhendo depois à sala de observações.

Recebidos os primeiros socorros na Cruz Vermelha, deu o ferido entrada no hospital de São José, em cujo banco foi observado pelo cirurgião de serviço, recolhendo depois à sala de observações.

Recebidos os primeiros socorros na Cruz Vermelha, deu o ferido entrada no hospital de São José, em cujo banco foi observado pelo cirurgião de serviço, recolhendo depois à sala de observações.

Recebidos os primeiros socorros na Cruz Vermelha, deu o ferido entrada no hospital de São José, em cujo banco foi observado pelo cirurgião de serviço, recolhendo depois à sala de observações.

Recebidos os primeiros socorros na Cruz Vermelha, deu o ferido entrada no hospital de São José, em cujo banco foi observado pelo cirurgião de serviço, recolhendo depois à sala de observações.

Recebidos os primeiros socorros na Cruz Vermelha, deu o ferido entrada no hospital de São José, em cujo banco foi observado pelo cirurgião de serviço, recolhendo depois à sala de observações.

Recebidos os primeiros socorros na Cruz Vermelha, deu o ferido entrada no hospital de São José, em cujo banco foi observado pelo cirurgião de serviço, recolhendo depois à sala de observações.

Recebidos os primeiros socorros na Cruz Vermelha, deu o ferido entrada no hospital de São José, em cujo banco foi observado pelo cirurgião de serviço, recolhendo depois à sala de observações.

Recebidos os primeiros socorros na Cruz Vermelha, deu o ferido entrada no hospital de São José, em cujo banco foi observado pelo cirurgião de serviço, recolhendo depois à sala de observações.

Recebidos os primeiros socorros na Cruz Vermelha, deu o ferido entrada no hospital de São José, em cujo banco foi observado pelo cirurgião de serviço, recolhendo depois à sala de observações.

Recebidos os primeiros socorros na Cruz Vermelha, deu o ferido entrada no hospital de São José, em cujo banco foi observado pelo cirurgião de serviço, recolhendo depois à sala de observações.

Recebidos os primeiros socorros na Cruz Vermelha, deu o ferido entrada no hospital de São José, em cujo banco foi observado pelo cirurgião de serviço, recolhendo depois à sala de observações.

Recebidos os primeiros socorros na Cruz Vermelha, deu o ferido entrada no hospital de São José, em cujo banco foi observado pelo cirurgião de serviço, recolhendo depois à sala de observações.

Recebidos os primeiros socorros na Cruz Vermelha, deu o ferido entrada no hospital de São José, em cujo banco foi observado pelo cirurgião de serviço, recolhendo depois à sala de observações.

Recebidos os primeiros socorros na Cruz Vermelha, deu o ferido entrada no hospital de São José, em cujo banco foi observado pelo cirurgião de serviço, recolhendo depois à sala de observações.

Recebidos os primeiros socorros na Cruz Vermelha, deu o ferido entrada no hospital de São José, em cujo banco foi observado pelo cirurgião de serviço, recolhendo depois à sala de observações.

Recebidos os primeiros socorros na Cruz Vermelha, deu o ferido entrada no hospital de São José, em cujo banco foi observado pelo cirurgião de serviço, recolhendo depois à sala de observações.

Recebidos os primeiros socorros na Cruz Vermelha, deu o ferido entrada no hospital de São José, em cujo banco foi observado pelo cirurgião de serviço, recolhendo depois à sala de observações.

Recebidos os primeiros socorros na Cruz Vermelha, deu o ferido entrada no hospital de São José, em cujo banco foi observado pelo cirurgião de serviço, recolhendo depois à sala de observações.

Recebidos os primeiros socorros na Cruz Vermelha, deu o ferido entrada no hospital de São José, em cujo banco foi observado pelo cirurgião de serviço, recolhendo depois à sala de observações.

Recebidos os primeiros socorros na Cruz Vermelha, deu o ferido entrada no hospital de São José, em cujo banco foi observado pelo cirurgião de serviço, recolhendo depois à sala de observações.

Recebidos os primeiros socorros na Cruz Vermelha, deu o ferido entrada no hospital de São José, em cujo banco foi observado pelo cirurgião de serviço, recolhendo depois à sala de observações.

Recebidos os primeiros socorros na Cruz Vermelha, deu o ferido entrada no hospital de São José, em cujo banco foi observado pelo cirurgião de serviço, recolhendo depois à sala de observações.

## NO FORTE DE MONSANTO

Os presos estão à mercê dos insultos, das ameaças e das cobardes agressões dos guardas

Monsanto continua sendo uma prisão trágica, uma prisão que rouba a saúde, que rouba a vida aos que lá vão parar.

E grande a percentagem dos que só saem para ir a enterar em qualquer cemitério: muitos morrem de tuberculose, naquele desmoramento, naquele estiolamento que dá as prisiones sem luz, sem ar, infectas, de atmosfera corrompida, impura, mortal.

Admitindo ainda que o pessoal do forte fosse composto de criaturas capazes de considerar um preso como um homem e não como um animal inferior, um animal de estábulo, a prisão recordaria os horrores ergastulos da idade média e seria, como eles tão perniciosos.

Mas, naquela prisão, incontestavelmente má, há ainda alguma coisa que é indiscutivelmente pior: o corpo de guardas.

Os indivíduos que o compõem parecem ter herdado as taras dos mais degenerados tipos humanos: são a vergonha da espécie a que pertencemos.

Tratam os presos como em África os roedores tratam os negros, supondo-se, porventura, em tempos odiosos que há muito desapareceram.

Os guardas agredem frequentemente os presos: ao mais pequeno pretexto são logo hofetados, pontapés, murros, isto quando não agredem com as chaves da prisão ou com «casse-tetes». Os insultos, então, são frequentíssimos. O direito de insultar um preso é um direito que nenhum fundamento tem, mas que os guardas conquistaram, aproveitando-se da complacência, que é uma cumplicidade, dos seus superiores.

Os presos ainda são constantemente ameaçados de morte pelos guardas que sem motivo algum puxam das pistolas.

Desta corporação fazem parte, entre outros: o guarda Ribeiro, que há tempos foi expulso do forte por ter roubado uma saca de arroz que pertencia ao rancho dos presos; o fiel da arcação, Barbosa; os guardas Manuel Carroeiro e Celorico.

Guardamos propadamente para o fim o guarda conhecido pelo «Malhado» por ser este quem mais se distingue nas ameaças, nos insultos e nas agressões aos presos.

Este indivíduo afirma-se radical, consistindo o seu radicalismo em ser para os presos um verdadeiro carrasco.

Costuma-se em Monsanto, ao mais pequeno pretexto, meter um preso na cisterna que é uma maneira bárbara como outra qualquer de supliciar.

Acresce ainda que o sargento Pedrosa, da G. N. R., mostra sempre o desejo de invadir o forte com soldados para espancar bárbaramente os presos.

Todas estas informações, que corroboram tudo o que sobre o forte por diversas vezes temos dito, foram-nos dadas por Francisco Martins Gomes que bastante tempo suportou os horrores que sobriamente descrevemos e que, por milagre, saiu de lá com vida.

Costuma-se em Monsanto, ao mais pequeno pretexto, meter um preso na cisterna que é uma maneira bárbara como outra qualquer de supliciar.

Acresce ainda que o sargento Pedrosa, da G. N. R., mostra sempre o desejo de invadir o forte com soldados para espancar bárbaramente os presos.

Todas estas informações, que corroboram tudo o que sobre o forte por diversas vezes temos dito, foram-nos dadas por Francisco Martins Gomes que bastante tempo suportou os horrores que sobriamente descrevemos e que, por milagre, saiu de lá com vida.

Costuma-se em Monsanto, ao mais pequeno pretexto, meter um preso na cisterna que é uma maneira bárbara como outra qualquer de supliciar.

Acresce ainda que o sargento Pedrosa, da G. N. R., mostra sempre o desejo de invadir o forte com soldados para espancar bárbaramente os presos.

Todas estas informações, que corroboram tudo o que sobre o forte por diversas vezes temos dito, foram-nos dadas por Francisco Martins Gomes que bastante tempo suportou os horrores que sobriamente descrevemos e que, por milagre, saiu de lá com vida.

Costuma-se em Monsanto, ao mais pequeno pretexto, meter um preso na cisterna que é uma maneira bárbara como outra qualquer de supliciar.

Acresce ainda que o sargento Pedrosa, da G. N. R., mostra sempre o desejo de invadir o forte com soldados para espancar bárbaramente os presos.

Todas estas informações, que corroboram tudo o que sobre o forte por diversas vezes temos dito, foram-nos dadas por Francisco Martins Gomes que bastante tempo suportou os horrores que sobriamente descrevemos e que, por milagre, saiu de lá com vida.

Costuma-se em Monsanto, ao mais pequeno pretexto, meter um preso na cisterna que é uma maneira bárbara como outra qualquer de supliciar.

Acresce ainda que o sargento Pedrosa, da G. N. R., mostra sempre o desejo de invadir o forte com soldados para espancar bárbaramente os presos.

Todas estas informações, que corroboram tudo o que sobre o forte por diversas vezes temos dito, foram-nos dadas por Francisco Martins Gomes que bastante tempo suportou os horrores que sobriamente descrevemos e que, por milagre, saiu de lá com vida.

Costuma-se em Monsanto, ao mais pequeno pretexto, meter um preso na cisterna que é uma maneira bárbara como outra qualquer de supliciar.

Acresce ainda que o sargento Pedrosa, da G. N. R., mostra sempre o desejo de invadir o forte com soldados para espancar bárbaramente os presos.

Todas estas informações, que corroboram tudo o que sobre o forte por diversas vezes temos dito, foram-nos dadas por Francisco Martins Gomes que bastante tempo suportou os horrores que sobriamente descrevemos e que, por milagre, saiu de lá com vida.

Costuma-se em Monsanto, ao mais pequeno pretexto, meter um preso na cisterna que é uma maneira bárbara como outra qualquer de supliciar.

Acresce ainda que o sargento Pedrosa, da G. N. R., mostra sempre o desejo de invadir o forte com soldados para espancar bárbaramente os presos.

Todas estas informações, que corroboram tudo o que sobre o forte por diversas vezes temos dito, foram-nos dadas por Francisco Martins Gomes que bastante tempo suportou os horrores que sobriamente descrevemos e que, por milagre, saiu de lá com vida.

Costuma-se em Monsanto, ao mais pequeno pretexto, meter um preso na cisterna que é uma maneira bárbara como outra qualquer de supliciar.

Acresce ainda que o sargento Pedrosa, da G. N. R., mostra sempre o desejo de invadir o forte com soldados para espancar bárbaramente os presos.

Todas estas informações, que corroboram tudo o que sobre o forte por diversas vezes temos dito, foram-nos dadas por Francisco Martins Gomes que bastante tempo suportou os horrores que sobriamente descrevemos e que, por milagre, saiu de lá com vida.

Costuma-se em Monsanto, ao mais pequeno pretexto, meter um preso na cisterna que é uma maneira bárbara como outra qualquer de supliciar.

Acresce ainda que o sargento Pedrosa, da G. N. R., mostra sempre o desejo de invadir o forte com soldados para espancar bárbaramente os presos.

Todas estas informações, que corroboram tudo o que sobre o forte por diversas vezes temos dito, foram-nos dadas por Francisco Martins Gomes que bastante tempo suportou os horrores que sobriamente descrevemos e que, por milagre, saiu de lá com vida.

Costuma-se em Monsanto, ao mais pequeno pretexto, meter um preso na cisterna que é uma maneira bárbara como outra qualquer de supliciar.

Acresce ainda que o sargento Pedrosa, da G. N. R., mostra sempre o desejo de invadir o forte com soldados para espancar bárbaramente os presos.

Todas estas informações, que corroboram tudo o que sobre o forte por diversas vezes temos dito, foram-nos dadas por Francisco Martins Gomes que bastante tempo suportou os horrores que sobriamente descrevemos e que, por milagre, saiu de lá com vida.

Costuma-se em Monsanto, ao mais pequeno pretexto, meter um preso na cisterna que é uma maneira bárbara como outra qualquer de supliciar.

Acresce ainda que o sargento Pedrosa, da G. N. R., mostra sempre o desejo de invadir o forte com soldados para espancar bárbaramente os presos.

Todas estas informações, que corroboram tudo o que sobre o forte por diversas vezes temos dito, foram-nos dadas por Francisco Martins Gomes que bastante tempo suportou os horrores que sobriamente descrevemos e que, por milagre, saiu de lá com vida.

Costuma-se em Monsanto, ao mais pequeno pretexto, meter um preso na cisterna que é uma maneira bárbara como outra qualquer de supliciar.

Acresce ainda que o sargento Pedrosa, da G. N. R., mostra sempre o desejo de invadir o forte com soldados para espancar bárbaramente os presos.

Todas estas informações, que corroboram tudo o que sobre o forte por diversas vezes temos dito, foram-nos dadas por Francisco Martins Gomes que bastante tempo suportou os horrores que sobriamente descrevemos e que, por milagre, saiu de lá com vida.

Costuma-se em Monsanto, ao mais pequeno pretexto, meter um preso na cisterna que é uma maneira bárbara como outra qualquer de supliciar.

Acresce ainda que o sargento Pedrosa, da G. N. R., mostra sempre o desejo de invadir o forte com soldados para espancar bárbaramente os presos.

Todas estas informações, que corroboram tudo o que sobre o forte por diversas vezes temos dito, foram-nos dadas por Francisco Martins Gomes que bastante tempo suportou os horrores que sobriamente descrevemos e que, por milagre, saiu de lá com vida.

Costuma-se em Monsanto, ao mais pequeno pretexto, meter um preso na cisterna que é uma maneira bárbara como outra qualquer de supliciar.

Acresce ainda que o sargento Pedrosa, da G. N. R., mostra sempre o desejo de invadir o forte com soldados para espancar bárbaramente os presos.

Todas estas informações, que corroboram tudo o que sobre o forte por diversas vezes temos dito, foram-nos dadas por Francisco Martins Gomes que bastante tempo suportou os horrores que sobriamente descrevemos e que, por milagre, saiu de lá com vida.

Costuma-se em Monsanto, ao mais pequeno pretexto, meter um preso na cisterna que é uma maneira bárbara como outra qualquer de supliciar.

Acresce ainda que o sargento Pedrosa, da G. N. R., mostra sempre o desejo de invadir o forte com soldados para espancar bárbaramente os presos.

Todas estas informações, que corroboram tudo o que sobre o forte por diversas vezes temos dito, foram-nos dadas por Francisco Martins Gomes que bastante tempo suportou os horrores que sobriamente descrevemos e que, por milagre, saiu de lá com vida.

Costuma-se em Monsanto, ao mais pequeno pretexto, meter um preso na cisterna que é uma maneira bárbara como outra qualquer de supliciar.

Acresce ainda que o sargento Pedrosa, da G. N. R., mostra sempre o desejo de invadir o forte com soldados para espancar bárbaramente os presos.

Todas estas informações, que corroboram tudo o que sobre o forte por diversas vezes temos dito, foram-nos dadas por Francisco Martins Gomes que bastante tempo suportou os horrores que sobriamente descrevemos e que, por milagre, saiu de lá com vida.

Costuma-se em Monsanto, ao mais pequeno pretexto, meter um preso na cisterna que é uma maneira bárbara como outra qualquer de supliciar.

Acresce ainda que o sargento Pedrosa, da G. N. R., mostra sempre o desejo de invadir o forte com soldados para espancar bárbaramente os presos.

## Pró-aparelho de T. S. F.

Continuam as adesões

## A dos operários metalúrgicos

Merceu a atenção dos metalúrgicos a iniciativa da instalação de um aparelho de T. S. F. na sede da Construção Civil, que proporcione uma distração útil àqueles que não podem possuir tal aparelho em sua casa e que pela música se interessam.

No S. U. Metalúrgico encontra-se aberta uma subscrição com esse fim, que está actualmente em 27\$50, sendo os seguintes os contribuintes:

Amadeu Gonçalves, 1\$00; Luís Ventura, 1\$00; José Almeida de Matos, 1\$00; António Henrique, 1\$50; Manuel Romão, 1\$50; Carlos Marques Cunha, 1\$00; José Martins, 1\$00; Serafim Louza, 5\$00; Carlos Marques, 5\$00; Alvaro Gomes, 5\$00; Carlos Mendes Lourenço, 5\$00; António de Almeida, 5\$00; Joaquim Firmo, 1\$00; Júlio Ramos, 5\$00; N. N., 5\$00; Júlio Brito, 1\$00; Eugénio Vicente, 1\$00; Eduardo Rodrigues, 5\$00; J. Dias, 5\$00; Augusto Borges, 5\$00; Virgílio Marques, 5\$00; Francisco de Oliveira, 5\$00; Manuel Santos, 1\$00; Augusto Salgado, 5\$00; Joaquim Duarte, 1\$00; José de Sousa, 5\$00; António Vasconcelos, 1\$00; José António, 5\$00; António Oliveira, 5\$00; António Melo Pires, 1\$00.

## As escolas operárias

### Um passeio à Sintra pré-escolas da Construção Civil

Realiza-se no próximo domingo um excelente passeio à Sintra promovido pela Comissão da Construção Civil. Este passeio vai, por certo, transformar-se numa excelente festa de confraternização operária, destinando-se o seu produto para auxílio das escolas que a Construção Civil esforçadamente vem mantendo.

Se há iniciativas dignas do labor e do auxílio dos que lutam pela evolução da espécie humana, no sentido da consecução do máximo de bem estar para cada um, e do estabelecimento dum regime onde a liberdade individual seja respeitada como sendo um factor imprescindível ao necessário respeito pelas liberdades colectivas, a obra de instrução, dísté e doutros organismos, é uma delas, porque a instrução é a base de todo o progresso, como a educação é a base da boa harmonia entre os homens e as sociedades.

Portanto, atendendo ao seu elevado fim e ainda ao aprivado sítio que é Sintra, é de esperar que grande número de operários venha à administração de A Batalha adquirir bilhetes que serão vendidos a preços módicos.

Abrihanta este passeio a filarmónica Verdi e o grupo musical «O Cravo».

O grupo musical «O Cravo» executará a marcha do «pic-nic» que deverá ser cantada em coro.

A venda dos bilhetes em A Batalha, termina hoje às 14 horas.

### Um espectáculo a favor da Escola do Pessoal de Câmaras

Realiza-se amanhã no Centro Magalhães Lima, Largo do Salvador, uma recita em benefício da Escola do Pessoal de Câmaras da Navegação de Longo Curso, promovida pelos seus amigos e Comissão de Propaganda.

Dará início à festa com uma palestra, o nosso camarada Manuel da Silva Campos, que versará sobre a instrução.

Representar-se há a peça, em 3 actos, «Scenas de miséria», representada pelo Grupo Dramático Campa de Ourique, que obsequiosamente presta o seu concurso.

Em seguida será feita a distribuição de prémios aos dois alunos mais classificados nos seus exames.

Abrihanta a festa, por especial deferência a Tuna Recreativa Tondelense.

## I Congresso Nacional dos Serviços de Saúde

Reúne hoje, pelas 21 horas na sede da Associação de Classe do Pessoal dos Hospitais Civis Portugueses, travessa de São Bernardino, 11, a comissão executiva do I Congresso Nacional dos Serviços de Saúde, que brevemente se reunirá em Lisboa.

## ACABA DE SAÍR

### O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogo escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. L. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço 1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha.

### A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkinkof. Preço \$50.

## DESLEIXO CRIMINOSO

### Uma família na miséria por culpa dum magistrado

Há vinte meses faleceu António Maria Gama Lobo, serralheiro dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, deixando órfãos dois filhos de tenra idade, dos quais um ficou a cargo da avó, Gertrudes da Conceição Gama Lobo, uma senhora com 63 anos de idade, tendo por único recurso o salário de um outro neto, também ferroviário que não vai além de 7\$50 diários, tendo a avó sido já obrigada a retirar-lhe a escola noturna onde andava completando a sua educação, em face da sua situação miserável.

Sendo o falecido divorciado, pela Caixa de Pensões dos Ferroviários do Sul e Sueste, do qual era sócio, foi reconhecido à mãe dele, depois dum conselho de família realizado há um ano, o direito a uma pensão.

Porém essa pensão ainda não começou a ser paga, porque o sr. Dr. Delegado do Seixal, a quem cumpre fornecer determinados documentos necessários para tal, vem há longos meses protelando o assunto, alegando que não tem tempo de se ocupar dele, talvez porque a interessada, sendo pobre, não pode pagar emolumentos.

Não seria descaído que alguém lembrasse a esse senhor que não tem o direito de zombar assim da miséria alheia

## TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

### Notícias

Em vista do êxito que obteve na Póvoa do Varzim, a companhia Lucília Simões-Erico Braga voltou para ali, onde dará mais três recitas seguidas, sendo a primeira nesta noite.

Esta companhia aparecerá em São Carlos no começo de outubro.

### Recêlamos

São três os combates de luta que hoje se realizam no Coliseu dos Recreios, mas aquele que tóde a gente espera com ansiedade, é o que se efectua entre o japonês Kawamita e o prodigioso alemão Kornatz. São dois leões que se batem, são dois colossos que se degradam. A qual dos dois caberá a vitória? O que fará o herculéo alemão, como se defenderá dos golpes científicos, mas cruéis, por vezes, do temível japonês?

Resistirá este às investidas fortes, prodigiosas, do valentíssimo alemão?

Ochôa, o musculoso «leão de Navarra» luta com o notável alemão Grunewald e o forte espanhol Rato com o francês Devillers. São, como se vê, três lutas sensacionais a que o público não deve faltar, tanto mais que hoje é o ante-penúltimo dia que tem para admirar os colossos que este ano vieram ao «ring» do Coliseu.

## INSTRUÇÃO

Liceu de Setúbal



Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE AGOSTO

|    |    |    |    |    |                        |
|----|----|----|----|----|------------------------|
| T. | 4  | 11 | 18 | 25 | HOJE O SOL             |
| Q. | 12 | 19 | 26 |    | Aparece às 5,54        |
| S. | 13 | 20 | 27 |    | Desaparece às 19,26    |
| Q. | 14 | 21 | 28 |    | FASE DA LUA            |
| S. | 15 | 22 | 29 |    | 1.º Q. dia 4 às 11,59  |
| Q. | 16 | 23 | 30 |    | 2.º Q. dia 11 às 11,59 |
| S. | 17 | 24 | 31 |    | 3.º Q. dia 19 às 11,59 |
| D. | 10 | 17 | 24 | 31 | 4.º Q. dia 27 às 11,59 |

MARES DE HOJE  
Praiamar às 11,25 e às 11,58  
Baixamar às 4,16 e às 4,53

CAMBIO

| Países                | Compra | Venda  |
|-----------------------|--------|--------|
| Sobre Londres, cheque | 96\$50 | 97\$00 |
| Madrid, cheque        | 28\$90 |        |
| Paris, cheque         | 39\$90 |        |
| Suiza, cheque         | 38\$90 |        |
| Bruxelas, cheque      | 39\$00 |        |
| New-York, cheque      | 20\$00 |        |
| Amsterdã, cheque      | 8\$10  |        |
| Italia, cheque        | 7\$72  |        |
| Brasil, cheque        | 2\$45  |        |
| Praga, cheque         | 5\$50  |        |
| Suécia, cheque        | 5\$40  |        |
| Austria, cheque       | 2\$82  |        |
| Berlim, cheque        | 4\$78  |        |

ESPECTACULOS

Politeama.—A's 21.—O Leão da Estrela.  
Epico.—A's 21,30.—O menino do Castelo.  
Epico.—A's 21,30.—A cidade onde a gente se aborrece.  
Metrô.—A's 21,30.—O Raposo.  
Casino de S. Paulo.—A's 21,30.—Concerto pelo teatro Lapolite.  
Juvenio.—A's 21,30.—Irmãos e A. Cidades.  
Santo Sep.—A's 21,30.—Variedades.  
Il Vicente (a Graça).—A's 21,30.—Animatográfico.  
Brisola Durão.—Todas as noites.—Concursos e variedades.

CINEMAS  
Olimpia.—Chico Torres.—Salto Central.—Cinema Candeias.—Salto Lisboa.—Sociedade de Pro. do Cinema de Educação Popular.—Cine Paris.—Cine Es. Lusitano.—Chautauque.—Avô.—Torreão.

Pedras para isqueiros

METAL AGER, as melhores do mundo. Um milhão, 2500. Por quilos, grandes descontos. Isqueiros AUSTRIA E PORTUGAL, tudo largo, boa, metálica, dura, 2500. Tubos fechados e abertos, tampões, bicos, molas, rodas d'água e massagens. Pedras ao único representante em Portugal E. ESPINOSA, FILHO, Rua Andrade, 46, 2.ª—LISBOA.

Pedras para isqueiros

nos quilos, aos milhares e aos centos. Tubos, rodas, pipos, finidos e molas de aço, tudo que é preciso para fazer isqueiros. Venda em grandes quantidades aos melhores preços para revenda.  
A melhor pedra para isqueiros (Qualidade garantida)  
DUZIA \$50  
Pedidos a CARLOS A. SANTOS, Rua do Arsenal, n.º 81—Lisboa

LIMAS NACIONAIS

Só a grande fábrica de propagação tem dado lugar a que ainda hoje se consumam em Portugal limas estrangeiras, visto que as limas nacionais são melhores e mais baratas.  
MARCAS REGISTRADAS  
União Fome Falei, Ltd., realizam em preço e qualidade com as melhores limas do mundo. Experimentem, pois, as nossas limas que se encontram a venda em todos os bons estabelecimentos de ferragens do país.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Ager, assim como rodas d'água, molas, pipos, finidos, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendemos no Largo Conde Barão, n.º 53 e quiosque.  
Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata de e caso que fornecia em melhores condições.

Menstruação

Aparece rapidamente tomando o FERREOL.  
Não prejudica a saúde. Caixa 15\$00.  
Envia-se pelo correio à cobrança.  
R. da Escola Politécnica 16 e 18 LISBOA

**FATOS COMPLETOS E SOBRETUDOS**  
em boas fazendas de 159\$00  
IMPREMISSÍVEIS INGLESES com lino e capuz, desde 169\$00  
**CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00**  
**CALÇAS desde 40\$00**  
ABATIMENTOS PARA REVENDA  
**O CHAVES DO CONDE BARÃO**  
170, Rua da Boavista, 172

**Grande Liquidação de Lanifícios**  
Do antigo armazém de fazendas por atacado de FRANCISCO PEREIRA, L.ª, com o fim de dar lugar ao novo sortimento com que brevemente esta casa vai inaugurar na mesma sede,  
**Armazém Central de Lanifícios com vendas directas ao público**  
pelo preço das fábricas e ainda mais barato. Casemiras meia estação desde 15 escudos  
Aproveitem esta esplêndida ocasião  
**Rua Arco Bandeira, 139, 1.º**

**MATERIAL ELÉCTRICO PARA RAIOS, MONTAGENS E REPARAÇÕES TELEFONES E CAMPANHAS**  
FORÇA MOTRIZ  
TELEFONE C. 5420  
**LOPES & VALÉRIO, L.ª**  
(ELECTRICITY)  
ABAT-JOURS EM ARAME  
Rua Nova do Almada, 16 LISBOA

**CONSELHO TÉCNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL**  
Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.  
Telefone — 539 Trindade  
Escritório: Calçada do Combro, 38-N. 2.º

**MADEIRAS**  
Nacionais e estrangeiras, de cor, para marcenários, serradas em todas as grossuras. MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO  
Sabino da Silva  
Largo dos Inglesinhos, 50—LISBOA

**CLINICA DO CHIADO**  
RUA GARRETT, 74, 1.º  
TELEFONE C. 4186  
**Doenças venéreas**  
Para as classes pobres. Das 12 às 14 h.

**Caminhos de Ferro do Estado**  
Direcção do Sul e Sueste  
Serviço de Fiscalização e Estatística  
Imprensa dos Caminhos de Ferro do Estado  
AVISO

Nos termos do art. 196.º da Organização anexa ao decreto 8924 de 18 de Julho de 1923, está aberto concurso, cujo prazo termina em 17 de Setembro do corrente ano para a admissão de dois aprendizes, um de compositor e outro de impressor.  
São motivos de preferência:—1.º A apresentação de melhores habilitações literárias; 2.º A apresentação de melhores habilitações práticas; 3.º Serem filhos órfãos de empregados dos Caminhos de Ferro do Estado; 4.º Serem filhos de empregados dos Caminhos de Ferro do Estado, atendendo-se aos serviços prestados pelos pais dos requerentes.  
São condições de admissão:—1.º Idade não inferior a 14 anos nem superior a 18; 2.º Aptidão física para o serviço de operário e que não possua enfermidade que o impeça de trabalhar; 3.º Ter as habilitações legais exigidas para a admissão na Imprensa Nacional.  
Os requerimentos para a admissão serão escritos em papel selado, e entregues na Imprensa dos Caminhos de Ferro do Estado até às 17 horas do dia 17 do mês de Setembro próximo.  
Lisboa, 17 de Julho de 1925.

**Francês sem mestre**  
por GONÇALVES PEREIRA  
1 volume de 400 páginas 15\$00  
Pelo correio 16\$50.  
Pedidos à administração de "A Batalha"

Serviço de livreria de A BATALHA

FOLHETOS

|  |       |
|--|-------|
| Eliseu Reclus — Anarquia e a igreja                                    | 1\$00 |
| Gonçalves Correia — A felicidade de todos os seres na Sociedade Futura | \$50  |
| José Prat — A burguezia e o proletariado                               | \$50  |
| A necessidade da Associação  | \$50  |
| Content — Contra o confusãoismo  | \$30  |
| Alfredo Neves Dias — Razão (poema social)                              | \$50  |
| Landauer — Social Democracia   | \$30  |
| R. Mela — O princípio do fim   | \$30  |
| A maçaneta e o proletariado  | \$30  |
| J. Most — Peste religiosa  | \$50  |
| Rio  | \$50  |
| Trovas da noite  | \$50  |
| Definições sociais   | \$50  |
| Contos dum revo tado   | \$50  |
| Roberto o Pescador   | \$50  |
| — Carnet de Pensamento   | \$20  |
| J. Bakunine — No sent do em que somos anarquistas                      | \$50  |
| Khurda — Como não ser anarquista                                       | \$50  |
| L. Lazare — A Liberdade  | \$50  |
| C. Erevant — A minha defesa  | \$50  |
| Br opolink   | \$50  |
| A mocidade   | \$50  |
| Os bastidores da guerra  | \$30  |
| Moral anarquista   | \$50  |
| O espírito revolucionário  | \$50  |
| J. Guedes — Lei dos Salários   | \$50  |
| Brand — A greve geral  | \$50  |
| Roland — Rússia Nova   | \$50  |
| O sindicalismo e os intelectuais                                       | \$50  |
| D. Carvalho — A gestão sindical no período revolucionário              | \$50  |
| A. Hamon — A crise do socialismo                                       | \$50  |
| J. Santos — A transformação da sociedade                               | \$50  |
| Neno Vasco   | \$30  |
| Georgias   | \$30  |
| Greve de inquilinos, teatro  | \$30  |
| Domela — Patria e Humanidade   | \$30  |
| Proletariado Histórico   | \$50  |
| G. Ardiculmo — A Revolução e o Socialismo                              | \$50  |
| Carlos Rattes — A ditadura do proletariado                             | \$50  |
| Emilio Chapelier — Porque não creio em Deus                            | \$50  |
| N. Lenine — A luta pelo pão  | \$50  |
| Rodolfo Rocker — O sindicalismo revol. e a organização operária        | \$50  |
| Trostki — Constituição política da República dos Soviéticos            | \$50  |
| G. Williams — O Congresso da Internacional Sindical Vermelha           | \$50  |
| C. de G. O. N. M. — Proclamação consciente                             | \$50  |
| José Torralvo — La Revolucion  | \$50  |
| Lelio O. Zeno — Problemas universitários                               | \$50  |
| La Revista Blanca — Arte, Ciência e Literatura. Cada número            | \$200 |

REVISTAS

|  |      |
|--|------|
| Escola Nova, da Ass. dos Professores de Portugal | \$50 |
| La Revista Blanca em espanhol                    | \$50 |
| Renovação, vários soltos                         | \$50 |

EM ESPANHOL

|                          |      |
|--------------------------|------|
| Rodolfe Recher           | \$50 |
| Artistas e Rebelde       | \$50 |
| Bolshevismo e anarquismo | \$50 |
| La Crisid del anarquismo | \$50 |

**CALÇADO BARATO**  
SÓ VENDE CANDEIAS Intendente

| Calçado Homem   | Calçado Senhora    |
|-----------------|--------------------|
| Botas de vitela | Sapatos calf. 1.º  |
| Botas de vitela | Sapatos calf. 2.º  |
| Botas de vitela | Sapatos calf. 3.º  |
| Botas de vitela | Sapatos calf. 4.º  |
| Botas de vitela | Sapatos calf. 5.º  |
| Botas de vitela | Sapatos calf. 6.º  |
| Botas de vitela | Sapatos calf. 7.º  |
| Botas de vitela | Sapatos calf. 8.º  |
| Botas de vitela | Sapatos calf. 9.º  |
| Botas de vitela | Sapatos calf. 10.º |
| Botas de vitela | Sapatos calf. 11.º |
| Botas de vitela | Sapatos calf. 12.º |
| Botas de vitela | Sapatos calf. 13.º |
| Botas de vitela | Sapatos calf. 14.º |
| Botas de vitela | Sapatos calf. 15.º |
| Botas de vitela | Sapatos calf. 16.º |
| Botas de vitela | Sapatos calf. 17.º |
| Botas de vitela | Sapatos calf. 18.º |
| Botas de vitela | Sapatos calf. 19.º |
| Botas de vitela | Sapatos calf. 20.º |

**"Educação Social"**  
Revista de pedagogia e sociologia  
Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA  
Publicação mensal  
Redacção e administração — Empresa Literária Fluminense, Limit. — R. dos Retreiros, 125 — LISBOA.

Serviço de livreria de A BATALHA

**Livros em Esperanto**

|   |        |
|---|--------|
| Angla Lingvo sen Professoro   | 5\$00  |
| Comédia em 1 acto de Tristan Bernard, traduzida por Gaston Moch, 1 volume de 44 páginas   | 5\$00  |
| Aspazio   | 8\$00  |
| Tragédia em 5 actos de Sventoslavski traduzido pelo dr. Leono Zamenhof, 1 volume de 157 páginas   | 8\$00  |
| La Avarulo  | 5\$00  |
| Comédia em 3 actos de Molière, tradução de Sam Meyer, 1 volume de 64 páginas  | 5\$00  |
| La Barbiro de Sevilha   | 4\$00  |
| Comédia em 4 actos de Beaumarchais, tradução de Sam Meyer, 1 volume de 64 páginas   | 4\$00  |
| Bildotablaj   | 15\$00 |
| De Tiora Goldsch ml, Excelente para conversação e para fixar palavras, com inúmeras estampas elucidativas; é indispensável. 1 volume encadernado  | 15\$00 |
| Chaves de Esperanto   | 5\$00  |
| Pequenas, absolutamente portáteis, esplêndidas como auxiliares para propagação, conteúdo gramática e vocabulário  | 5\$00  |
| Elektilaj Premoj  | 2\$60  |
| De Henri Heine, tradução de Friedrich Pillath, 1 volume de luxo   | 2\$60  |
| La Elementoj kaj la Vortfarado  | 5\$00  |
| De Cefez, Gramática e sintaxe em Esperanto. Muito interessante. 1 volume de 64 páginas  | 5\$00  |
| Esperanto et Croix-Rouge  | 2\$50  |
| De Bayol, Em francês e Esperanto, com a terminologia militar e de enfermagem; preciosos para conferências militares, 1 volume   | 2\$50  |
| Enciklopedia Vortaro Esperanta  | 20\$00 |
| De Verax, com explicações em Esperanto e tradução em francês, volume de 284 páginas   | 20\$00 |
| Esperantaj Poemoj   | 2\$35  |
| De G. Chr. Dreogendijk  | 8\$00  |
| Esperantaj Prozaĵoj   | 3\$00  |
| De diversos autores, 1 volume de 246 páginas  | 3\$00  |
| Fantomo en Zúlib  | 4\$00  |
| De Koloman Mikszath, tradução de Eugeno Forster   | 4\$00  |
| Fatala Suido  | 12\$00 |
| De Leonel Dalsace, obra teosófica traduzida por E. F. Cense, 1 volume de 318 páginas  | 12\$00 |
| Fraulino Suzano   | 3\$00  |
| Novela por Asejkeno, tradução de P. Medem, 1 volume   | 3\$00  |
| Frenez  | 3\$00  |
| Dois dramazinhos em 1 acto, original de F. Pujula-Vallés, 1 volume de 49 páginas  | 3\$00  |
| Fundamenta Krestomatio  | 15\$00 |
| Compilação de L. L. Zamenhof, autor do Esperanto. Exercícios, fábulas, contos, artigos sobre Esperanto, poesias, etc., livro que todo o principiante deve adquirir, 1 volume de 460 páginas | 15\$00 |
| La Fundo de l'Impero  | 3\$00  |
| De Václav Stereosevski, tradução do dr. Kabe, 1 volume de 88 páginas  | 3\$00  |
| Georgo Dandin   | 6\$00  |
| Comédia em três actos de Molière, engraçadíssima, 1 volume de 52 páginas  | 6\$00  |
| Halka   | 15\$00 |
| Opera em 4 actos, texto de Wolski, tradução de Antoni Ora   | 15\$00 |

|  |        |
|--|--------|
| bowski, 1 volume de 38 páginas   | 3\$00  |
| Hebreaj Rakontoj   | 6\$00  |
| Contos humorísticos de Salom-Alchem, traduzidos por L. Mue-nik, 1 volume de páginas                              | 6\$00  |
| Historio de la Lingvo Esperanto  | 6\$50  |
| Desde 1887 a 1900. Assunto sempre versado nos exames commentares de Esperanto. 1 vol. de 74 páginas              | 6\$50  |
| Imenlago   | 3\$00  |
| Novela de Theodor Storm, tradução de Alfred Bader, 1 volume de 33 páginas  | 3\$00  |
| La Interrompita Kanto  | 3\$50  |
| Pela Sino. Orszeko, tradução de Dr. Kabe, 1 vol. de 79 páginas   | 3\$50  |
| Kantjo   | 8\$00  |
| Peça em 4 actos de Paul Späak, tradução do dr. W. van der Biest, 1 volume de 111 páginas                         | 8\$00  |
| Kanto de Triunfanta Amo  | 2\$00  |
| Por Ivan Turgenev, tradução de dr. Andree Fiser, 1 volume de 32 páginas  | 2\$00  |
| Kurludo de Toroj   | 3\$50  |
| Original de A. Carles, 1 volume de 50 páginas  | 3\$50  |
| Kurso Tutmonda laŭ la Metodo Natura  | 2\$50  |
| Original de Emile Gasse, 1 vol. de 57 páginas  | 2\$50  |
| La Kvar Evangelioj   | 5\$00  |
| Reunidos num conto pelo padre Lais y, 1 volume de 196 páginas  | 5\$00  |
| Kvin Noveloj   | 5\$00  |
| De L. E. Meyer, tradução de diversos, 1 volume encadernado   | 5\$00  |
| Lupo, Hundoj kaj Homoj   | 2\$50  |
| Novela de Adolph Dygasinski, tradução de Br. Kuhl, 1 volume encadernado  | 2\$50  |
| La Rego de la Montoj   | 12\$00 |
| Romance de Ed. About, traduzido por Gaston Moch, com lindas ilustrações de Onstavo Doré, 1 volume de 248 páginas | 12\$00 |
| La Revizoro  | 8\$00  |
| Comédia em 5 actos de N. V. Gogol, 1 volume de 100 páginas   | 8\$00  |
| La Rompantoj   | 4\$00  |
| Cinco monólogos, com estampas intercaladas no texto, 1 volume de 44 páginas                                      | 4\$00  |
| La Rabistoj  | 10\$00 |
| Drama em 5 actos de Schiller, 1 volume de 144 páginas  | 10\$00 |
| Matematika Terminaro   | 5\$00  |
| Por Bricart, 1 volume de 60 páginas  | 5\$00  |
| Mistero de Deloro  | 3\$00  |
| Drama de Adria Qual, traduzido do catalão por F. Pujula-Vallés, 1 volume de 96 páginas                           | 3\$00  |
| De Lebnitz, traduziu Reitor E. Boiras, 1 volume de 31 páginas  | 3\$00  |
| Plena Vortaro Esperanto-Esperanta Kaj Esperanto-Franca   | 30\$00 |
| Por Emile Boiras, 2 volumes de 430 páginas   | 30\$00 |
| Porvo de Marista Terminaro   | 5\$00  |
| Muito ilustrado e compreensivo, compilado por M. Rollet de l'Isle, 1 volume encadernado de 72 páginas            | 5\$00  |
| Salomé   | 3\$00  |
| Drama em um acto de Oscar Wilde, tradução de H. J. Bulbouis, 1 volume de 40 páginas                              | 3\$00  |
| Sokrato  | 15\$00 |
| Drama em três actos de Ch. Richel tradução de J. Contaux, 1 volume de 100 páginas                                | 15\$00 |

**TODOS OS PEDIDOS** de livros devem ser feitos por meio de carta registada na qual será enviada a importância respectiva, acrescida do correspondente custo do porte de correio e registo.  
Os preços de porte são os seguintes:  
Continente — Pacote até 2 quilos, cada 50 gramas, \$10. Encomendas postais, até 5 quilos, \$550.  
Brasil e países da União Postal — Pacote até 2 quilos, \$32 cada 50 gramas.  
América do Norte — Pacotes até 5 quilos, \$850.

mula, êsse chefe de revoltados de que o regente pede a morte...  
— São Marcel..., são os meus filhos..., são os nossos melhores amigos, todos os dedicados à felicidade pública, todos os adversários da opressão e da iniquidade..., todos inimigos encarniçados dos ingleses, que, desde a batalha de Poitiers, perdida pela cobardia da nobreza, devastam o nosso desgraçado país, e que sem as novas fortificações, tão repentinamente levantadas pelos cuidados de Marcel, teriam já dez vezes saqueado Paris! Porém hoje estão esquecidos tantos serviços feitos à cidade; esquece-se também as reformas impostas ao regente por Marcel a fim de pôr um termo às violências e às rapinas da corte!  
— Ai de mim é horrível tanta ingratidão para mestre Marcel!  
— A sua alma é muito grande, o seu espírito muito justo, para contar alguma vez com o reconhecimento dos homens. Quantas vezes me disse ele: «Pratique-mos o justo e bom porque trazem em si mesmo a sua recompensa; Marcel espera tudo porém, pensando que o resultado das minhas observações pudesse ser-lhe útil, entrei em casa da mulher do nosso amigo Simão Paonnier que habita perto da casa da câmara, e daí escrevi a meu marido tudo que vi e ouvi. A minha carta foi levada por um homem de confiança, e...  
Porém, vendo o rosto de Dionisia inundado de lágrimas, Margarida ajuntou com ternura:  
— Que tens tu, Dionisia? Porque choras?  
— Que quer, minha tia! Não tenho, nem a sua força, nem a sua coragem. Tremo de espanto só com a ideia dos perigos que ameaçam mestre Marcel, e... os nossos amigos.  
— Pobre criança! pensas em Mahiet, teu noivo!  
— Se houver algum tumulto, alguma batalha correrá com certeza para onde houver mais perigo.  
— Agora quase que lamento de ter em outro tempo chamado para junto de mim; viverias socegada nessa pequena cidade de Vaucouleurs, distanciada do centro das perturbações e da guerra.

Inês entrou nesse momento, precedendo de poucos momentos a pessoa que anunciava, e disse precipitadamente a Margarida:  
— A senhora Maillart que vem a vossa casa a fim de vos prestar um grande serviço, segundo diz, deseja falar-vos neste instante.  
— Não quero vê-la, exclamou Margarida com impaciência, essa odiosa mulher!  
— Vem, segundo diz, minha senhora, para vos prestar um grande serviço, respondeu a criada, lamentando ter involuntariamente desobedecido à sua senhora; julgava obrar bem, fazendo-a subir; desgraçadamente é já muito tarde para a despedir, ei-la aí.  
Petronilha Maillart apareceu com efeito junto à porta. Uma raiva triunfante, mal reprimida, traíu-se no olhar que a mulher do vereador lançou a Margarida; porém, repentinamente tomando uma máscara piedosa, uma voz adocicada, aproximou-se de Margarida dizendo com tom lamentoso:  
— Boas noites, senhora Marel, boas noites, estimada senhora Marcel!  
— Esta fingida piedade, oculta alguma odiosa perfidia, pensou Dionisia de quem o rosto estava banhado em lágrimas; não quero regosijar esta má mulher mostrando-lhe as minhas lágrimas.  
E Dionisia saiu com a criada. Margarida, ficando só com a mulher do vereador, mediu-a com um olhar frio, e disse-lhe secamente:  
— Estou muito admirada de vos ver aqui nesta casa, minha senhora.  
— Compreendo a vossa admiração, pobre senhora Marcel; porque não nos temos tornado a ver desde o dia do enterro de Perrin Macé; a popularidade do mestre Marcel era então imensa, chainavam-lhe o rei de Paris, olhavam-no como o salvador da cidade e...  
— Minha senhora, falemos menos do passado e mais do futuro. Que quereis de mim?  
— Pedir-vos primeiro que esqueçais a pequena questãozinha que tivemos no dia do enterro de Perrin

Macé; depois, prestar um grande serviço a êsse pobre e desgraçado mestre Marcel.  
— Mas eu não sei que meu marido tenha necessidade da compaixão de pessoa alguma.  
— Ai de mim! que não posso deixar-vos nesse doce erro, senhora Marcel! porém sou obrigada a dizer-vos a verdade, já que a ignorais. Já não sois a rainha de Paris como no tempo em que mestre Marcel era o rei. E, mesmo em risco de ofender o vosso inocente orgulho, juntarei com pezar, com grande pezar, meu Deus! que a posição do vosso marido é agora desesperada. É desolador. Vêdes-me cheia do pezar que vos acabrará.  
— Temo, senhora Patronilla, que o vosso excelente coração esteja assustado sem razão.  
— Meu Deus! estou desgraçadamente certa do que vos afirmo.  
— Mas eu duvido muito das vossas afirmativas, minha senhora.  
— Desgraçada! Não sabeis então o que se passa em Paris?  
— Sei que em Paris há ingratos e invejosos.  
— Conheço-vos muito bem, senhora Marcel, para bem saber que uma pessoa sensata e discreta como sois, queira por ventura caluniar-me chamando-me invejosa.  
— Na verdade, eu não ousaria..., minha senhora...  
— E tereis razão; porque vos pergunto: é agora a vossa sorte porventura digna de inveja?  
— Os invejosos contentam-se com pouco, senhora Maillart; invejam até o sócio e a coragem que só se encontra numa consciência pura quando chegam os dias da desgraça!  
— Vós o confessais!... os dias de desgraça chegaram para vós, e vosso marido! exclama a mulher do vereador triunfante de raiva, e esquecendo neste momento as suas aparências; porém, tornando a si, ajuntou com voz de meiguice:

— Essa confissão faz-me ao menos esperar que aceiteis as ofertas de serviço de meu marido.  
Margarida, sentido a gravidade das últimas palavras da mulher do vereador, fixou sobre ela um olhar penetrante, e respondeu:  
— Mestre Maillart manda oferecer os seus serviços a meu marido?  
— Não são eles amigos da infância e até compadres? Não se esquece nunca a amizade de criança!  
— E' assim ao menos nos corações generosos. Porém se mestre Maillart quer prestar algum serviço a meu marido, donde provém que ele vos manda aqui, minha senhora?... não vê ele por ventura mestre Marcel na casa da câmara?  
— Desde ontem à noite que Maillart, e os seus amigos não pizeram os pés na casa da câmara... Eis aqui porque ele me encarregou de vir oferecer-vos os seus conselhos e os seus serviços.  
— Enfim, minha senhora, que conselhos e serviços são êsses?  
— Maillart aconselha o vosso marido a que deixe Paris secretamente nesta mesma noite. Eis o conselho.  
— E qual é o serviço?  
— Favorecer e assegurar a fuga do desgraçado Marcel.  
— E como?  
— Maillart mandará à vossa casa, à meia noite, um homem de confiança buscar vosso marido. Irá bem embulhado numa capa a fim de não ser reconhecido, seguirá o nosso emissário com toda a confiança e será conduzido a lugar seguro, onde achará tudo preparado para lhe favorecer a fuga... Porém é preciso que vosso marido não se faça acompanhar por pessoa alguma... senão, o emissário o abandonará.  
— Mestre Maillart, na pressa de acompanhar e de servir meu marido, esqueceu-se, segundo penso, que Marcel e o conselho da cidade, os governadores, como lhe chamam, são ainda senhores de Paris; os de-





## A defesa das mulheres e menores no trabalho

(Tese a apresentar ao I Congresso Confederal, IV Nacional)

Concordamos com o tempo de abandono do trabalho pelas mulheres antes e depois do parto. Poderá parecer uma exigência descabida, mas o que é facto é que o fruto desses partos vem, mais cedo ou mais tarde, a constituir carne de exploração.

«Não é demais, portanto, que os que se vêm a aproveitar destes futuros produtores contribuam com uma ínfima parte para o repouso forçado de quem os gera.

«E ainda porque se impõe o revigoramento da raça.»

O tempo para amamentação igualmente o preconizamos para evitar em parte os inconvenientes que atraz apontamos, sendo até conveniente que se reclame, nas fábricas onde há grande número de pessoal feminino a criação de creches, mantidas pelo patronato.

**Calçado, Couros e Peles.**—Admissão de aprendizas aos 14 anos para o trabalho manual e aos 16 para o trabalho mecânico, e apenas quando se reconheça a sua vocação.

Salário da mulher igual ao do homem. Julgamos que o reconhecimento da vocação do aprendizado só se poderá verificar

com a criação de escolas oficinas. Como a tese Educação por certo tratará este assunto abtemo-nos de o profundar.

**Tanoeiros.**—Salários iguais para homens e mulheres. Admissão de aprendizas alfabetos aos 14 anos.

Abandono do trabalho pelas mulheres 4 meses antes e 4 depois do parto, com meio salário.

Acção da idade para admissão de menores nos vários ramos de actividade, coerentes com os princípios preconizados pela escola única, entendemos que ela deve ser estabelecida nos 15 anos.

Quanto ao período para o abandono do trabalho pelas mulheres, optamos pelo proposto pelos metalúrgicos. Não porque achamos demais o período proposto pelos tanoeiros, mas porque não lhe vemos tantas viabilidades de consecução.

**Mobilitários.**—Abolição do trabalho suplementar.

Salários iguais.

Fiscalização pelos profissionais do trabalho entregue aos menores, a fim de se verificar se é compatível com as suas aptidões físicas e profissionais.

**Empregados no Comércio.**—Protecção aos menores pelas associações de classe.

Propaganda no sentido da defesa moral e profissional dos menores.

**Gráficos.**—Estabelecimento duma organização de trabalho para as mulheres e menores. Velar pela sua educação profissional.

Acção, entre a F. L. J. e o N. J. S. L. para a transição de menores dos sindicatos gráficos para os nucleos profissionais.

Sindicalização das mulheres e menores.

Achamos de grande utilidade os entendimentos com os nucleos de juventude sindicalista a fim de criarem novos militantes cuja carência tanto se vai fazendo sentir.

**Corticeiros.**—Salário da mulher igual ao do homem sempre que o trabalho seja igual.

Proibição do trabalho das mulheres durante o período da gravidez, ficando-lhe o lugar garantido.

Admissão de aprendizas aos 14 anos.

Propaganda pela Federação no sentido da conquista destas reclamações.

Concordamos com a propaganda junto dos sindicatos, devendo ela ser orientada no sentido que adiante preconizamos.

Como pudessem ver, não é por carência de legislação que falta a protecção às mulheres e aos menores nas indústrias. Temos, porém, que ver, se essa legislação serve de alguma coisa, e se devemos ficar à espera que a defesa das mulheres e menores seja acometida apenas às leis.

Quer-nos parecer, que muito outro deve ser a nossa atitude. As leis não preservam benefícios de tal natureza, que os trabalhadores prefiram a acção legal à acção directa

e revolucionária. Porque, desde que as leis passaram a ser a expressão das disposições governamentais, elas traduzem apenas a vontade dos governantes e de todos os que têm interesse na conservação do estado social presente.

Quando surge uma lei que alguns benefícios (?) pode trazer à classe operária, reconhecemos que ela surgiu porque já não havia força para proibir o que já se praticava, ou então, surge habilitadamente, por terem reconhecido que seria inevitável o estabelecimento da regalia a conceder. Em qualquer dos casos, a lei trará sempre uma restrição. No primeiro caso, ela, regulando o que já se praticava, cerceia-lhe vários pontos. No segundo, apressa-se a restringir antes que a acção popular pelo seu esforço único lhe dê mais amplitude. Portanto a lei ainda quando se nos apresenta como meritória, é sempre prejudicial. Limita e restringe sempre.

Julgamos que entre a classe trabalhadora já ninguém tem a ingenuidade de contar com o Estado para a sua emancipação. Esta terá que ser apenas obra dos trabalhadores. O insuspeito sr. Brito Camacho frisava em 1909 «que não confiassem os operários que a burguesia republicana lhes fizesse presente da emancipação a que aspiram».

E ainda como poderão os operários contar na acção parlamentarista para defesa dos seus interesses, sabido como está que os representantes do povo, os seus defensores saem precisamente da classe oposta? Acaso não está mais que demonstrada a burla do parlamentarismo?

Não saíamos pois do verdadeiro caminho. Os interesses operários estão em completa oposição com os interesses burgueses-capitalistas. A luta tem que ser contínua, sem tréguas, entre os dois elementos. A organização sindical estimula a luta de classes porque é essa uma das suas razões de ser.

A luta neste terreno tem a vantagem de não dar lugar a alianças ou compromissos com a classe burguesa e evita ainda um desperdício de energias em lutas estéreis, como sejam as lutas pela consecução de benefícios governamentais ou parlamentaristas, as quais conduzem sempre ao reformismo, ou por outra, à estagnação.

Não enveredemos pois por esses turtuosos caminhos, dispondo-nos sempre a «fazer por nossas mãos tudo o que a nós nos diz respeito».

\*\*\*

Pelo que fica exposto, verifica-se que havia necessidade de dar homogeneidade aos vários trabalhos aprovados neste sentido pelas várias classes. Do mesmo modo, havia a necessidade de dar à forma de os pôr em prática um carácter igualmente homogéneo, e de harmonia com o espírito que norteia a Organização Operária Portuguesa. E' pois, com esse espírito, que submetemos a vossa apreciação as seguintes conclusões:

Que se reclame do patronato pelos métodos que atraz preconizamos:

1.º Salário da mulher equivalente ao do homem sempre que o trabalho de ambos seja equivalente.

2.º Repouso de 6 semanas antes e 6 depois do parto com o vencimento completo.

3.º Que aos menores seja concedido, sem desconto algum, o tempo necessário para frequentar as escolas, desde que esse tempo seja abrangido pelo horário de trabalho.

4.º Abolição do trabalho suplementar para mulheres e menores seja a que pretexto for.

5.º Fixação da idade mínima de admissão do aprendizado nos 15 anos por ser essa a idade mais própria para se reconhecer a sua vocação profissional e ainda porque lhe dará tempo a concluir os estudos primários.

6.º Fiscalização do trabalho dos menores dentro dos locais de trabalho em todas as suas modalidades pelos adultos componentes desses ramos de actividade.

7.º Desenvolvimento duma intensa propaganda por parte dos sindicatos no sentido da sindicalização das mulheres e menores.

8.º Estabelecimento de acordos com os nucleos de Juventude Sindicalista para a transição de menores para os nucleos profissionais, com o fim de se criarem militantes.

Manuel da Silva Campos, Carlos Maria Coelho, Lucio Costa, Luis Gonzaga, Joaquim de Sousa, Manuel Henriques Rijo, Manuel Joaquim de Sousa, Manuel Nunes, relator.

## Na "Voz do Operário"

Uma assembleia agitada — Inusitadas gravíssimas

Reúnem-se para continuação de trabalhos, a assembleia geral desta sociedade, a hora avançada a que terminou não nos permitiu dar a notícia respectiva, o que hoje fazemos. Aberta a sessão foram lidas e aprovadas as duas actas anteriores, seguidamente ao que tomou a palavra o sr. Francisco Reis, que exerceu o lugar de secretário da comissão de sindicância, o qual declarou que, visto estar esgotada a inscrição sobre o relatório em de sindicância administrativa arguiu este de esbanjador e perulário, lhe competia dizer à assembleia que os números citados no mesmo não adre preparados.

As importâncias de carteiros, mesas, etc., adquiridas foi por assim dizer uma transferência de valores, que passaram da rubrica «dinheiro em caixa» para a de «Mobilirário», não sendo portanto uma despesa irreperável, de resto as necessidades de instrução ordenavam a imediata aquisição desse mobilirário, pois as crianças sentadas no chão nas aulas, não podiam assim permanecer eternamente; de resto o orador demonstrou que o critério dos «Ostras» era este: gastar muito e muito em tudo, menos na instrução e beneficência, tendo-se chegado ao apuro de se cercarem os livros às crianças das escolas, por causa dos esbanjamentos.

O orador seguiu na sua ordem de ideias, pulveriza todas as arguições dos desastrosos «Ostras» e declara com geral espanto da assistência que desde 1923 a 1924 foi tirada dos cofres da sociedade uma despesa de 4358\$007 e que além desta verba ainda gastaram em 3 meses 849\$006 em demarches e champagne para fazerem malograr a campanha moralizadora de A Batalha. Na 1.ª verba figuram rubricas interessantes como sejam as de jantares e refeições (?) aos corpos gerentes, representação da sociedade no funeral de Guerra Junqueiro, António Granjo e recepção aos aviadores etc., etc., evitando especialmente a de serviços «extraordinários».

Estas revelações causam espanto na assembleia e levantam protestos de vários compromettidos e alvejados, mas o orador sem se perturbar continua provando as suas acusações e diz que o estatuto e o regulamento da sociedade proíbem que sejam pagos quaisquer serviços extraordinários prestados pelos corpos gerentes à sociedade, declarando que não será de estranhar que algum «Ostra» ainda tenha que ir parar à cadeia em virtude do que expoz.

Aqui arden Troia.

Um alvejado, de apelido Cardoso, diz que se a comissão sindicante não fez o mesmo foi porque tinha «tacho» (?)

Convidado pelo orador a explicar-se o homenzinho, diz que o «tacho» eram os ordenados que os sindicantes tinham pelo exercício das suas funções particulares!

A certa altura o orador diz que se os «Ostras» não podiam perder tempo, que entregassem a sociedade aos auxiliares que a administrariam com o mesmo carinho e competência que a comissão sindicante administrativa.

Pois o homenzinho (Cardoso) saiu-se com este aparte: «isso é o que os srs. queriam» o que provocou uma réplica formidável da assembleia a qual se tornou tumultuosa tendo o presidente que interromper os trabalhos por 15 minutos, findos os quais proseguir a discussão, seguindo o sindicato nas suas acusações às gerências antigas e declarando que tanto os «Ostras» reconheciam o abuso dos dinheiros levantados que pretendiam agora, com uma proposta que está na mesa, «comer a descoberto» do cofre da sociedade.

Faz ainda largas considerações sobre factos apurados pela sindicância, muito especialmente sobre a célebre carta da professora, e tendo dado a hora, ficou com a palavra reservada para a sessão de hoje à noite, em que continuará a desfilir o enorme rosário de abusos de que a sociedade tem sido vítima.

## Secção Telegráfica

C. G. T.

Gonçalves Vidal.—Vem hoje à C. G. T., pelas 21 horas.

## Federações

### MOBILIARIA

Sindicato de Animadores. — Recebemos officio. Segue resposta.  
Sindicato do Porto. — Continuamos aguardando a resposta

## A C. G. T. e os partidos

A organização sindical não pode nem deve confundir-se com partidos estatistas

Tenho acompanhado a luta travada entre diversos jornalecos moscovitistas e a C. G. T.

A C. G. T. não é nenhum nucleo politico, nem da politica que nada, apenas se preocupa com o bem estar de todos os operários filiados e não filiados para que estes compreendam os seus deveres. A Confederação Geral do Trabalho, aderente à Internacional dos Trabalhadores, não pode defender qualquer credo politico, devido a no seu seio se encontrarem diversas paixões politicas. Acima de qualquer dogma, somos trabalhadores, e é preciso velar pela segurança da força operária, representada pela C. G. T.

Todos sabem que as associações de classe deram todas, ou quasi todas, o apoio à C. G. T. Ora, dando a associação que pertencemos o apoio à Confederação, a todos nós compete velar por ela, pois é só ela que nos há de indicar o caminho a seguir ante qualquer posição em que se ponha a sociedade actual. Urge portanto que todos os trabalhadores de Portugal, não abandonem num só momento a Confederação Geral do Trabalho, e podessem viver descansados que o Partido Comunista há de convencer-se que não é nenhuma facção operária, mas sim politica, pois o que elle quer conquistar é o mando que a Confederação repele.

Francisco Valadas RAMOS.

## INTERESSES DE CLASSE

### Exploração do Porto de Lisboa

O pessoal occupa-se do aumento de salário e de regalias a readquirir

Reúnem-se em assembleia geral o pessoal da E. P. L. que apreciou as demarches realizadas pela comissão junto do conselho de administração sobre aumento de salário e regalias que lhe foram tiradas por ocasião da greve de Agosto de 1923.

Falaram vários oradores, condemnando asperamente a forma como o conselho desconsiderou a comissão, bem como o pessoal que a mesma representava, pois que tendo o referido conselho reunido na passada segunda feira e aprovado o aumento de salário se recusou a dizer à comissão de quanto era o aumento concedido ao pessoal assalariado, alegando que só o saberiam por meio de uma ordem de serviço que para esse efeito ia sair e com referência às regalias que isso necessitava um atturado estudo junto do ministro, ficando esse assunto para occasião mais oportuna.

A assembleia manifestou-se ruidosamente contra a attitude daqueles que deviam ter mais um pouco de consideração pelos que trabalham.

Foi deliberado nomear uma comissão de delegados por secção, para tratar das regalias junto das entidades competentes.

## CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Os delegados do Sindicato Unico da Construção Civil são hoje recebidos pelo ministro do Comércio para tratar da crise do trabalho assim como são também recebidos na próxima 4.ª feira pelo ministro das Finanças.

### Corticeiros de Belém

Reúnem os operários corticeiros para apreciar a baixa dos salários que os industriais pretendem impôr.

Sobre o caso da fábrica Paco decidem-se esperar que esse industrial receba cortiças para manipular para então se tratar o assunto.

Continua no mesmo estado a greve na casa Sousa Eusébio.

Tratando-se da deliberação da Federação Marítima sobre o tráfego de cortiças, que vem prejudicar a organização corticeira, resolveu-se que o referido tráfego seja feito por serventes da industria como tem sido até a data.

Para assistir à reunião de hoje da Associação dos Corticeiros de Lisboa, por causa da baixa de salários na área do Poço do Bispo, nomeou delegados António José Setúbal, José Amores e José Sena.

«A BATALHA» No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

## II Congresso dos Trabalhadores do Livro e do Jornal

Realiza-se nos próximos dias 20, 21 e 22 de Setembro, na cidade de Santarém, o II Congresso dos Trabalhadores do Livro e do Jornal—V Congresso Gráfico—no qual tomarão parte os organismos representativos dos trabalhadores da industria existentes no país, sendo a sua realização neste momento julgada imprescindível pelas classes interessadas, a fim de estudarem e tomarem resoluções sobre assuntos que muito as vem preocupando. Nele irão também afirmar os seus direitos postergados, pugnar pelo cumprimento de várias leis de carácter social e proclamar as suas reivindicações.

Entre os vários trabalhos que vão ser presentes, houela, a mais importante, a especial referência, pela importância, e transcendência do assunto de que trata a tese intitulada *Sindicatos de Industria Gráfica*, que visa a conjugar os vários organismos da mesma localidade em um só, a fim de robustecer a organização gráfica, dando-lhe maior expansão, ficando assim apta a melhor defender os interesses dos seus componentes.

A Comissão Organizadora do Congresso tem definido com regularidade tendo bastante adiantados os trabalhos preparatórios para a sua realização, tendo já ultimado a apreciação de algumas teses de sua iniciativa bem como outros trabalhos indicados por organismos aderentes, e que vão ser publicados no próximo numero do órgão corporativo, O Gráfico, que deverá sair num dos próximos dias, tendo também já recebido a adesão dos seguintes organismos: Sindicato dos Profissionais de Imprensa, Associação de Classe dos Litógrafos e Auxílios Liga dos Vendedores de Jornais de Lisboa e Liga das Artes Gráficas do Porto, tendo também alguns destes organismos já nomeados os seus delegados.

Todos os dias úteis das 18 às 22 horas, encontram-se membros do Secretariado na sede federal, a fim de receberem as cotizações.

## Em Torres Novas

Um industrial roceiro, que agride o seu pessoal

TORRES NOVAS, 16.—E' revoltante a forma porque os operários de ambos os sexos da Fábrica de Fiação e Tecidos são tratados pelo director, Domingos Gonçalves Dias, que tem por hábito sovar desalmadamente alguns operários da fábrica por fúteis motivos, ou quando «isto é o que mais vezes se dá—quando os «alcôbas» lhe vão segredar qualquer acto de um operário, destacando-se entre esses que exercem o repugnante papel de delator, um de nome José das Neves.

Ainda não há muito tempo, por qualquer razão só por elle conhecida, o sr. Gonçalves Dias agrediu selvaticamente o operário Manuel Joaquim, um pobre e inofensivo velho, que há cerca de 40 anos ali trabalha, e que terá como os seus companheiros, a miséria por recompensa de uma vida sacrificada ao serviço desse régulo.—C.

## Aos nossos correspondentes e informadores

A fim de facilitar o serviço de redacção, convém que todos os nossos correspondentes, informadores, sindicatos, etc., aos dirigirem-nos os seus escritos atendam as normas seguintes:

—Escrever dum só lado do papel;  
—Não fazer uso de tinta vermelha;  
—Deixar, entre as linhas escritas, espaço suficiente para qualquer emenda;  
—Expôr com clareza os assuntos que se propõem tratar, deixando para a redacção os comentários que julgarmos convenientes.

—Aos comunicados dos sindicatos que não venham carimbados, as notícias dos correspondentes, queixas ou reclamações de particulares não assinadas, não se lhes dará publicidade. A redacção guardará o sigillo de nomes.

## ESPERANTO

Nova Vojo.—(Sociedade Esperantista Operária).—Reúne na próxima quarta-feira a assembleia geral.

—Está aberta a inscrição para o novo curso elementar de Esperanto.  
A inscrição pode fazer-se às segundas, quartas e quintas-feiras, das 21 às 23 horas

## UM ESCANDALO?

Em volta dum fornecimento de cantaria para o Palácio do Congresso

Esperávamos que em face dos dois *suellos* aqui publicados com a epigrafe acima algum viesse desmentir o que dissemos, o que seria certo se da parte dos interessados esclarecer este caso houvesse um pouco de dignidade; como não houve qualquer desmentido ao que aqui dissemos, está suficientemente provado o que afirmamos.

Para reforçar o que temos dito, pessoa amiga fez-nos chegar às mãos o jornal *Despertar*, órgão das comissões politicas do P. R. P. do Conselho de Cntra, que transcreve o primeiro *suello* por nós publicado, e onde faz comentários justos à fama como são feitos os concursos, comentários que se fizeram:

«A's dúvidas que a Batalha apresenta, podemos nós acrescentar que, de facto, se trata de alguma coisa muito grave. O concurso para fornecimento de cantaria para a fachada Sudoeste do Palácio do Congresso, não obedeceu às regras estabelecidas em trabalhos desta natureza, porque apenas pretendiam encobrir uma pouca vergonha que já vinha de muito longe.»

Capacitados estávamos quando levantámos esta questão que em volta deste fornecimento haveria grande escandalo, e a prova está o facto, como dissemos, das propostas só serem abertas muito mais tarde que a data marcada, e a escupa: quer dizer se em família, para cá fora não transpirar a immoralidade que se cometeu.

Diz ainda o mesmo jornal:

«Sabemos que parte das cantarias do pseudo concurso, a que nos referimos, já estavam de há muito a serem aparelhadas, por mandado do industrial a quem foram agora adjudicadas. Podíamos ainda acrescentar que esse mesmo trabalho já foi há tempo adjudicado ao mesmo individuo, e como tivesse dado nas vistas parodiou-se o concurso a que se refere a Batalha, convidando-se a capucha para servir de bodes expiatórios, duas officinas de Lisboa, que na melhor boa fé e julgando tratar-se de alguma coisa séria, se prestaram a cozinhar o petisco que o felizado havia de comer ao décimo quinto dia.»

Cutpre-nos porém uma pequena explicação.

Já sabíamos de antemão que os outros orçamentos de nada valeriam, a não ser que as propostas fossem abertas no prazo marcado no officio da Comissão Administrativa do Congresso.

Não é concededora deste caso a Comissão Administrativa do Congresso? Se por acaso é do seu conhecimento esta pouca vergonha porque não anula o concurso em questão fazendo concurso novamente, mas com mais seriedade do que aconteceu com este que estamos tratando?

E' este o intuito que nos move e não que o trabalho seja feito por A B ou C.

Apenas queremos que haja moralidade, e que não a lance poeira aos olhos do publico com supostos concursos que só servem para beneficiar determinadas criaturas que estão nas boas graças de quem superintende nestes casos.

Como não queremos ser comparsas na comédia que se está desenrolando, é o motivo que não larguemos este caso, enquanto o mesmo não estiver suficientemente esclarecido.

Haverá grandes luvns neste negócio?

Assim nos parece.

Carlos Coelho

**Renovação**  
Revista Gráfica  
A 1e 15 de cada mês  
Preço rec. 1\$50

## VIDA SINDICAL

C. G. T.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariade

Reúnem hoje, pelas 21 horas, as sub-comissões jurídica e de subsídios.

Secretariado de propaganda

Reúne hoje às 18 horas.

## Congresso Confederal

O comité confederal juntamente com os seus agregados tem continuado activamente com os trabalhos preparatórios para o 1.º Congresso Confederal, 4.º Nacional.

Constata com satisfação que, a despeito da crise que desde há muito vem pesando sobre a classe operária e que inevitavelmente afecta os cofres sindicais pela redução de cotas, são já em regular numero o sindicatos, que deliberaram fazer-se representar no Congresso.

A circunstancia de ter de se realizarem outros congressos e conferências na mesma cidade de várias corporações de industria muito contribui para que a quasi totalidade dos sindicatos confederados enviem os seus delegados a Santarém e que o Congresso Confederal revista a importância que deve ter.

Até ontem foram comunicadas ao comité mais as seguintes adesões:

Associação dos Corticeiros, de Almada; Federação da Construção Civil; Sindicato da Construção Civil de Lisboa; Associação dos Litógrafos e Auxílios, de Lisboa; Associação dos Descarregadores de Mar e Terra, de Almada; Associação dos Trabalhadores Rurais de Cano, Sindicato da Construção Civil, da Guarda; Associação dos Marítimos, de Sines; Associação dos Manipuladores de Pão, de Coimbra; Associação dos Manipuladores de Pão, de Braga; Associação dos Trabalhadores Rurais, de Cabeço de Vide; Associação dos Mineiros de Aljustrel; Liga das Artes Gráficas, do Porto; Associação dos Corticeiros, do Barreiro; Associação dos Trabalhadores Rurais, de Vila Boim; Câmara Sindical do Trabalho, de Lisboa.

O Comité vai elaborar um plano de propaganda do Congresso no país para se presente à próxima sessão do Conselho Confederal.

—Hoje volta a reunir o Comité e seus agregados.

## C. S. T. L.

Conselho Geral

Reúne hoje 21 pelas horas.

## COMUNICAÇÕES

**Sindicato da Construção Civil.**—Secção Sindical de Belém.—Reúnem em assembleia geral os sócios desta Secção, tendo antes da ordem dos trabalhos sido feitas referências à reconstrução dum muro que não oferece condições de segurança, assim como a um empreiteiro que, fugindo à estetica da cidade e fazendo uma concorrência desleal a outros, e que, tem prejudicado o operariado desta área. A assembleia resolveu nomear uma comissão no sentido de colher elementos concretos e procurar o fiscal da Câmara, para que providencias sejam tomadas. Em ordem de trabalhos foi apreciada uma intimação dimanada da P. S. E. para que a mesma fosse enviada nota com nomes e moradas dos componentes da comissão administrativa. Sobre este assunto falaram vários sindicatos que foram unânimes em não se responder, firmando-se para o efeito em não haver lei que tal determine.

Em seguida foi posto à discussão o officio do Sindicato comunicando as resoluções da assembleia geral nomeando delegados ao Congresso Confederal. Por unanimidade foi aprovada a indicação dos camaradas eleitos, aos quais foi dada toda a solidariedade moral para resolver os assuntos que vão ser ventilados, e foi resolvido officiar ao Sindicato expondo o sentir da Secção sobre a nomeação de delegados em futuros Congressos. Por ultimo voltou a ser discutido o regulamento ao horário, sendo tomado na devida consideração as referências feitas por alguns delegados fiscaes da lei.

**Federação da Construção Civil.**—Reúniu anteontem o Conselho Federal, tendo sido apreciado o officio das Secções Federais de Propaganda no Norte e Sul relatando os trabalhos de propaganda pelas mesmas realizados ultimamente e os resultados obtidos, sendo tomado em consideração a recomposição da Secção do Norte. Foram apreciados officios de Faro e Ponte de Sôr, tendo sido sancionado pelo Conselho o despacho dado pela C. Administrativa.

Foram apreciados os relatórios dos delegados que em missão de propaganda foram no dia 2 do corrente a Monchique, Lagos e Reguengos.

Foi largamente discutida a atoarda propagada por diversas criaturas e de que a imprensa burguesa se fez eco de que esta Federação já romper com a C. G. T., tendo o Conselho resolvido enviar para os jornais de maior circulação um formal desmentido a tão disparatado boato.

Foram delineados alguns trabalhos a elaborar para, em nome desta Federação, se rem presentes no próximo Congresso Confederal, tendo sido por ultimo apreciadas as demarches junto do ministro do Interior para que se ponha termo à serie das perseguições que vêm sendo movidas aos componentes do Sindicato de Ponte de Sôr.

## CONVOCAÇÕES

### REÚNEM HOJE

**Federação Metalúrgica.**—Pelas 21 horas, o conselho federal para se ocupar da solução do conflito com o comité do norte e do relatório da comissão administrativa sobre o assunto, e tratar da representação no próximo congresso confederal e outros assuntos.

**S. U. Mobilitário.**—A's 20,30 horas, assembleia geral que ontem não pôde realizar-se por falta de numero, com a seguinte ordem de trabalhos: apreciação dum parecer dos corpos gerentes sobre a forma de levantamento do Sindicato; apreciação das teses a discutir pelo próximo Congresso Confederal, e assuntos vários.

**Federação do Livro e do Jornal.**—O Conselho Federal, às 18,30 horas.

**S. U. C. Civil.**—Secção dos pintores—A assembleia geral, pelas 21 horas.

**Descarregadores de Mar e Terra.**—A assembleia geral, pelas 20 horas.

### DIAS PRÓXIMOS

**Manufactores de Calçado.**—Para apreciar as teses que vão ser apresentadas ao próximo Congresso Confederal, reúne amanhã, às 21 horas, a assembleia geral.

## SINDICATOS DA PROVINCIA

**Federação dos Trabalhadores Rurais.**—Conselho Federal.—Reúniu em 16 do corrente com a representação dos Sindicatos de Évora, Vila Viçosa, Vila Franca de X